



**CARTA
SOBRE O
AMOR E A
AMIZADE**

Leonardo Zoccaratto Ferreira

LEONARDO ZOCCARATTO FERREIRA

CARTA SOBRE O AMOR E A AMIZADE

[Ficha Técnica]

Título

Carta sobre o Amor e a Amizade

Autor

Leonardo Zoccaratto Ferreira

Coordenação Editorial

Rui Alexandre Grácio

Capa

Frederico da Silva | Grácio Editor

Design gráfico e paginação

Grácio Editor

1ª edição em dezembro de 2013

ISBN: 978-989-8377-53-1

Depósito Legal:

© Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 3.º

3000-151 COIMBRA

Telef.: 239 091 658

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

Sumário

Prefácio	7
1.	9
2.	21
3.	25
4.	31
5.	47
6.	55
7.	65
8.	63
9.	69
10.	79

Meu caro amigo leitor,

Coube a mim, esta honra que aceitei com grande responsabilidade e também imensa felicidade, de apresentar esta obra, no mínimo peculiar, que segue em suas mãos, meu caro leitor.

Já aviso que este livro que lerás a seguir, “Carta sobre o amor e a amizade”, sendo a segunda obra do autor, professor e amigo, não necessariamente nesta ordem, Leonardo Ferreira, segue a tendência ácida de escrita já vista na sua primeira obra, em “Como perdemos os nossos ideais”. Acides esta das palavras que são suavizadas pela coragem do autor em posicionar diversas opiniões pessoais, sem medo de arriscar e escancarar as portas daquilo que se acredita dentro das múltiplas interações e seus sentimentos gerados na própria relação humana.

Assim como o primeiro, este é realmente singular. Dividido em 10 capítulos interessantes, nos faz viajar e refletir a nossa própria consciência humana e seus diversos comportamentos na interatividade com o nosso meio social. É um livro que nos permite olharmos para nós mesmos e descobriremos inúmeras facetas até então não vistas.

Leiam esta obra dentro de uma visão de recorte da sociedade pós-moderna, onde observamos um reflexo fiel da relação amor/amizade, dentro de outros que poderiam ser tratados, dentro de nosso contexto atual. Priorizar o interesse individual em detrimento de um bem coletivo ou social, dentro de um individualismo exacerbado, é um facto muito bem retratado aqui.

Dentro de uma sociedade Globalizada, onde as pessoas estão cada vez mais individualizadas, vemos aqui uma descrição muito direta da relação da amizade e do amor com a realidade contemporânea, de uma maneira nem um pouco tradicional e muito distante da imagem que se vê hoje em dias nos livros comerciais de autoajuda. Mais uma vez, o autor consegue nos surpreender, em cada parágrafo, com a sua veracidade explícita.

Convido-os a mergulhar neste mar de sentimentos que serão despertados. Este é um tipo de obra que vale a pena pararmos alguns minutos e nos dedicarmos exclusivamente a ela. Em poucas palavras, Leonardo consegue transmitir uma grande intensidade. É inimaginável conseguir lê-la e terminá-la da mesma forma que se iniciou.

Boa leitura a todos.

Eu te amo. Te amo violentamente. Te amo com todas as minhas energias. Te amo no fundo do meu ser. Eu te amo, te amo, te amo, te amo... me amo? Eu me amo, violentamente. Ti? O que tu és para mim? Meu objeto de adoração? Meu segredo inquestionável? Meu resgate, meu anjo protetor? Meu dote? Meu ídolo, que tal? Minha grande estátua de porcelana? Minha memória? Minhas felizes memórias? É a época que era humano? Ou um monstro? Ou o monstro... humano?

Você sim. Tu és a razão da minha existência. Você faz do cinza, um arco-íris. Você vai entrar para a história, e nem vai saber. Você me faz me sentir... como é mesmo a palavra? Desumano. Haha! Sim! Grito do fundo do meu peito. Me desumanize! Desumanize-me, por favor! Faça isto, por este tolo ignorante e genial. Vá! Mostre-me como ainda há justiça, bondade e verdade no ar. Mostre-me que a nuvem tem uma razão de ser. Mostre-me um Deus. Posso eu estar abraçado com este Deus?

E tu? Sim, você mesmo, você quem eu glorifico. Você que me faz acreditar ser a solução à minha humanidade. Por que, com garras tão furiosas, me continua a arranhar? Para lembrar que sou um homem, é isto? Tens pena de mim? Ou queres meu bem? Ou queres que eu termine, pela humanidade que cai sobre meus ombros, minha missão? Tu és minha musa inspiradora. Aquela com quem acordo todas as manhãs, e vou dormir todas as noites. Então imploro: traga a mim novamente a fumaça inebriante da sua presença, aquela que não me deixa ver mais que dois ou três metros a minha frente. Traga o ácido que destrói minha mente e não mais permite que eu profetize o futuro. Traga-me o vinho que me fará dormir com um sorriso no rosto. E quando acordar, diga-me que é um sonho. Mostre-me suas estátuas, porque as minhas já foram quebradas... menos ti. Então eu revivo minha desumanidade em ti. Desumaniza-me.

Ainda não se decidiu? Não tenhas medo, vamos nos desumanizar mais uma vez, um a outro? Prometo que não vou quebrar as paredes e rasgar a cortina. Prometo que o cárcere continuará o mesmo, para ti e para mim, o quanto quiseres. Prometo que te amarei sempre, minha querida imagem calma e turva, cheia de espectros e fantasmas. Prometo sempre te amar, percepção simples, inocente e pura. Minha musa, meu cosmos. Minha suave brisa que me empurra pra baixo das ondas e da turbulência.

Embriaga-me com tua harmonia e confiança. Me mostre, de novo, aqueles olhos de criança que eu tanto preciso ver. Me drogue com o néctar da imortalidade, roube minha humanidade. Destrua-me, reconstrua meu aconchegante país das maravilhas, porque é assim que eu te amo, é por isso que te amo. Você me encanta, porque me engana. Porque me lembra o que não sou. Quero dar-te a ti todo o bem que você me deste. Mas também tu deves recolocar em mim aquela máscara de inocência que eu desaprendi a usar.

1

Por muito tempo na história as pessoas acreditaram existir em nós uma capacidade transcendental que nos emanciparia da natureza e nos faria especiais. Fomos crescendo e aprendendo que, ao contrário dos animais, nós humanos temos uma pitada de divindade, de modo que algo em nós nos dá a possibilidade de decidirmos a vida sem levar em conta os impulsos da natureza, e da nossa própria natureza, nosso corpo. Alguns diziam que isto tinha alguma coisa haver com Deus, e com o fato de termos ganhado o livre-arbítrio. Mas não seria o livre-arbítrio apenas a grande válvula de escape de Deus? Outros foram mais chiques, tiraram da cartola uma coisa a qual chamaram de “razão”. E o que não é a razão senão uma outra forma de resgatar Deus, desta vez nos transformando nos próprios deuses? Alias foi assim que ela começou, na Grécia, como algo divino. Naquela época os homens pelo menos não fingiam que acreditar no homem racional e livre não tinha nada haver com a confiança nas nossas supostas propriedades divinas. Na era moderna, tentaram tirar Deus, mas não saíram da sua sombra. Eu me esforço, mas ainda estou para achar nesta terra o primeiro ser racional a maneira dos modernos: livre e desinteressado. Não que eu negue que temos uma capacidade racional, mas não reconheço a liberdade como atributo da razão, muito menos o desinteresse. Sabe o que é desinteresse? É a ação que não tem como finalidade o bem próprio, e sim o bem do outro. É a ação cujo propósito é o outro. Pois bem, nego a possibilidade humana de pensarmos no bem do outro sem que tenhamos um interesse muito forte por trás disso. Sabe o que é liberdade? É achar que nossa essência de homem compreende a capacidade de transcender ao meio ambiente ou desobedecer as determinações das emoções do corpo. Nego aquela capacidade racional libertadora de agir contra os nossos apetites. Nego o nada de Sartre. Qual é minha essência? Minha natureza, meu corpo. Qual seu princípio? A sobrevivência do indivíduo, o interesse egoísta e egocêntrico de quem se interessa, a mania de achar que somos o centro do mundo. Em nome disto faremos qualquer coisa. Nossa relação com o mundo e os recados que recebemos dele é o que nos faz como somos, porque não há nada que nos controle para além do nosso

corpo, nem deus, nem alma, nem o pensamento ou intelecto (seja lá o que com isso se queira dizer), nem coisa alguma. O que existe é o corpo em relação com o mundo. Somos escravos do somos, sentimos e aprendemos a ser, e de todos os mecanismos que desenvolvemos para que continuemos vivendo, de preferência achando que somos tudo o que queremos ser.

O ser humano só age quando e como lhe convier dentro das suas possibilidades sociais, só age quando isto puder lhe trazer alguma vantagem ou conveniência, só age quando tiver interesse, em suma, quando tiver um bom motivo para agir. A ação desinteressada é um mito. Não reconheço em nenhuma ação humana um agir desvinculado dos nossos interesses no mundo, do dinheiro que esperamos ganhar, dos aplausos que queremos ouvir, da fama e prestígio que queremos atrair, da atenção que queremos receber. As pessoas só fazem o que fazem porque esperam um prêmio por isto, um torrão de açúcar, uma parte do seu ser contemplada, preenchida, satisfeita. Toda a ação tem um motivo egoísta por trás, e quem diz o contrário está mentindo. Toda a ação do homem busca antes de qualquer coisa uma auto-satisfação pessoal, por mais que ela se esconda atrás de uma máscara humanista, filantrópica, purificada, desinteressada.

“Eu não ajo por mim, ajo pelo outro”. Ai está a maior mentira do século. Toda a ação começa e termina no indivíduo, e é apenas por seu próprio bem-estar que as pessoas atuam, ou no mínimo pelo que pensam ser o melhor para elas. “Se meu bem-estar não está em questão, quero que se danem todos aqueles que eventualmente possam se dar mal com minha postura”. Ou: “o que eu tenho a ganhar com isto? Nada? Então que se exploda o mundo.” São estas frases que diria alguém sincero, se na terra houvesse um. Esta é a natureza humana: buscamos sempre fazer o que nos interessa, sempre pensamos unicamente no nosso bel-prazer, e o mundo que nos sirva. E se na vida prática não fazemos de fato tudo o que queremos, não é porque respeitamos o outro, porque não queremos prejudicá-lo ou porque usamos nossa razão e controlamos nossos desejos. É simplesmente porque não podemos, porque não temos força o suficiente, por medo das conseqüências, por covardia. Não fazemos tudo o que queremos porque não temos poder e energia suficiente para impor nossa vontade a todos, ponto final. Tudo o resto é desculpa para sair bem na foto. Porque sobre aqueles que temos poder, sempre procuramos esmagá-los impiedosamente.

Desde modo, quando fazemos algo temos sempre alguma intenção, na maioria dos casos velada, escondida atrás de máscaras. A frase que ouvimos “você esta com segundas intenções...” não tem o menor sentido prá-

tico: todos temos primeiras, segundas, terceiras ou quantas intenções você quiser para agir; só quem não atua não teve intenções. Assim também, a ação humana não é analisada à luz de conceitos ou idéias abstratas, mas sim de acordo com as circunstâncias de quem age e, sobretudo o que este alguém esperava conseguir quando comparado com o que de fato conseguiu. Conceitos como “amor”, “ódio” e “amizade”, não são coisas divinas: são humanos, demasiado humanos.

A conclusão inicial é que as classificações que uma pessoa dá a outra, os sentimentos que nutrimos uns pelos outros, não tem haver com nomes abstratos ou imagens gerais que nos são ensinadas como se fossem deuses. O que uma pessoa afirma sentir pela outra tem haver com a expectativa que nós cultivamos de que este alguém preencha nosso vazio existencial, ou no mínimo com a maneira como esperamos que algum potencial amante ou amigo contemple nossos interesses, que podem ser sexuais, afetivos, utilitários ou de qualquer outra natureza, ou mesmo de todas estas variáveis juntas ou mescladas.

2

Moral da história: na vida humana existem três formas gerais das pessoas tratarem umas as outras, sempre tendo como referência seus motivos, suas preocupações egocêntricas, que é tudo o que importa a todos nós, submetidos à mesma regra: Ou nós amamos alguém, ou nós odiamos alguém, ou nós somos indiferentes com alguém. Todas as formas de relação humana se resumem nestes três manifestações finais do corpo, ou das necessidades do corpo. A diferença entre amor e amizade é muito mais alegórica ou semântica do que prática e real, visto que poderíamos tranquilamente substituir as palavras nos contextos da vida sem grande perda de significado. Quando muito a diferença é de intensidade, já que as pessoas quando querem se referir a uma relação mais intensa falam em amor, e mais fria falam em amizade. Substancialmente as duas palavras querem dizer praticamente o mesmo, pois dois grandes amigos nunca hesitarão em dizer que se amam, assim como dois bons amantes podem falar que são, acima de tudo, amigos entre si.

Ora, se todos nós nos relacionamos com as pessoas esperando algo em troca, porque é isto o que significa ser um ser humano, a coisa funciona mais ou menos assim: andamos pelo mundo buscando pessoas – nossos potenciais amigos e amantes – que possam preencher nossas incompletudes, sejam elas quais forem. Podem ser de ordem afetiva, ou seja, buscamos um ombro para nos apoiar, buscamos alguém para conversar, buscamos uma pessoa com a qual possamos nos abrir, buscamos alguém com quem possamos nos dar bem sexualmente, buscamos alguém que nos proporcione o prazer que não temos, por aí vai; e podem ser também de ordem puramente utilitária, ou seja, queremos sair da casa dos pais e morar com alguém, queremos um carro para ter uma carona, queremos comer em bons restaurantes, queremos ter roupas boas e esperamos ganhá-las, queremos fama ou notoriedade ao lado de alguém famoso, enfim, as necessidades das pessoas são as mais variadas, e tem haver com aquilo que elas não conseguiram ainda encontrar nos seus outros círculos de convivência em que participam (família, outros amigos ou amantes, emprego, faculdade, etc...). O mais natural é que todos queiram um misto de

todas estas coisas, em diferentes variações, de acordo com a individualidade de cada um, ou seja, de acordo com a rede de amizade que cada um constitui e que já preenche alguns aspectos, e outros não.

Para que tudo isto fique mais emocionante, poderíamos dar um exemplo: Se uma mulher tenha tido pais que puderam lhe dar uma vida financeira razoavelmente segura, é natural que esta pessoa busque amizades, no período em que estiver sob a tutela desta segurança, que lhe preencha os aspectos mais afetivos da existência, desconsiderando momentaneamente a questão da utilidade. Não que seus amigos/amantes não serão da mesma categoria econômica que a sua, porque o mais provável é que sejam, já que ela freqüentará os mesmos círculos sociais deles, mas o motivo da sua busca não será este, o que tornará possível um encontro entre alguém mais pobre e alguém mais rico. No entanto, esta mesma pessoa, ao sentir que é chegado o momento de encontrar um parceiro com quem deva se casar e sair de baixo das asas dos pais, vai agora procurar um amante que não só preencha afetivamente tudo o que ela precise – o que pode ser quase nada, dependendo se os amigos ou futuramente até um terceiro, numa relação extraconjugal, o fizer – como também tenha posses, tenha uma condição financeira que no mínimo lhe de a mesmas condições materiais que ela tem com os pais, a não ser que ela mesma, como está cada vez mais comum no Brasil, seja capaz de prover seu próprio sustento.

Assim está claro que os sentimentos que temos não têm haver com a qualidade da outra pessoa em si, mas com nossas necessidades e expectativas com relação a ela. E como na vida nada é estático, as pessoas mudam, os interesses mudam, as expectativas mudam, as necessidades mudam, e assim amizades e amores vem e vão, porque o sentimento que temos por alguém varia com o passar do tempo e de nossas esperanças, como o mastro de um navio descontrolado no meio de uma tempestade de afetos e impulsos.

Mas enfim, deixamos claro que o que sentimos por outras pessoas divide-se em três posturas que temos diante delas: alguns nós amamos, alguns nós odiamos, alguns nos somos indiferentes. Por onde começar? Afirmando o seguinte: Quando circulamos pelo mundo com nossas necessidades, dividimos inicialmente a humanidade em dois tipos de pessoas, porque é tudo o que nos interessa fazer. Existem aquelas que nos interessam e aquelas que não nos interessam. Aqueles que nos interessam são os que intimamente - e quase sempre inconscientemente - despertam em nós a esperança de sermos correspondidos em nossas necessidades. Aqueles

que não nos interessam são aqueles os quais não nutrimos nenhuma expectativa a este respeito. Ora, o jeito como eu vou tratar cada um deles é completamente diferente.

Aqueles que não te interessarem serão tratados com a mais absoluta indiferença, simplesmente porque você não sentirá a menor obrigação de dar satisfação para algo ou alguém que não pode te dar nada em troca, segundo seu julgamento. Isto não significa que a sua ação será maldosa com este fulano. Não, sua ação simplesmente desconsiderará a existência dele, como um vácuo no meio do espaço. Um nada, que não merece nem sequer uma palavra. E vejam, caros leitores, não se chateiem com isto. Não é culpa sua, minha, de ninguém. Isto é ser humano. A vantagem é que vale pra todo mundo. Àquilo que não temos motivos para considerar existente, segue-se o desprezo. Desprezo não é odiar, é não se importar, é não sentir a menor vontade de mexer uma palha sequer em nome do outro, justamente porque o outro não pode te dar nada do que você espera – e precisa – conseguir numa relação de amor ou amizade. Portanto a indiferença é a omissão natural do corpo diante de um objeto que não responde a nenhuma de suas necessidades, como se você colocasse um pedaço de carne diante de um animal vegetariano.

O pedaço de carne só teria uma chance de fazer reagir aquele animal: colocando-se no seu caminho. Mas aí a indiferença se transformaria no ódio em seu estado puro, e como o animal não tem qualquer motivo para preservar o pedaço de carne, ele tentaria destruí-lo e afastá-lo de todas as maneiras. Assim, se algum dia você se enxergar nesta mesma posição – e certamente isto acontecerá com todo mundo em algum momento – tenha a sabedoria de dar passagem e deixar que as pessoas trilhem o caminho que acham conveniente. E acima de tudo, nunca espere compaixão, gratidão ou reconhecimento, porque se isto vier só pode significar que aquele animal, em relação ao pedaço de carne, não era tão vegetariano assim. Só há espaço para a gratidão quando o grato espera ainda tirar alguma vantagem do objeto de gratificação. Quando não houver esta percepção, a atitude será de total insensibilidade.

Bom, agora digamos que você esteja diante de alguém que te interessa, ou como dizem alguns, que “chamou sua atenção”. Isto significa uma coisa: você viu nela atributos que vão de encontro com aquilo que você intimamente acha que precisa. Isto pode ser qualquer coisa: um carro legal, beleza física, um bom emprego, uma casa própria, um perfil psicológico, um gesto de afeto, uma palavra ou risada que a muito tempo você espe-

rava de alguém, um tipo de sotaque. Pois bem, diante daqueles que te interessam haverá duas alternativas: ou você os amará, ou os odiará. O que é o amor? É o momento quando a atração que você sente pelos atributos de alguém que chamou sua atenção é correspondida por este alguém, ou seja, a outra pessoa também viu em você atributos que ela procurava em alguém para lhe completar. Eu amo as partes de você que me completam, e você ama as minhas partes que te completam. A confluência, o acordo, o pacto, a troca de interesses da origem ao amor/amizade.

O amor é isto: um contrato entre as partes. Eu me comprometo a entregar aquilo que te interessou em mim, você se compromete a entregar aquilo que me interessou em você. Quando o amor dura? Quando os meus interesses não mudam, e também não muda a disposição da outra parte de continuar entregando aquilo que quero, e vice-versa: quando os interesses da outra parte não mudam, ou não muda a minha disposição de continuar entregando aquilo que se espera que eu entregue. Isto vale para o amor e para a amizade.

E disso não duvidem: o amor é sempre por algo no amado, enquanto o amado quer algo em mim. O amor não é entre duas pessoas. O amor é entre duas necessidades e duas capacidades de satisfazê-las, cada um no seu papel. Daí o perigo do casamento. A possibilidade de tristeza no casamento é imensa, sobretudo passados alguns anos, porque ao longo do tempo as pessoas mudam, e com elas suas necessidades e suas capacidades “contributivas”(de contribuir para a satisfação da necessidade alheia). Porém o casamento é uma barreira que engessa os amantes obrigando-os a se amarem para sempre. Como poderiam fazer isto se não sabem se serão os mesmos? E como é mais provável que mudem, porque todos mudam de acordo com as novas experiências que atravessam, de duas uma: ou distorcem seus desejos e se entristecem numa posição ascética, ou distorcem sua percepção da realidade e refugiam-se num mundo de sonhos, num paraíso, transformam a vida numa grande ilusão, onde o marido ou a mulher seria sempre aquele da juventude, uma imagem congelada dos “melhores anos da vida”. Tudo para preservar os votos, a eternidade que se comprometeram a cumprir. Tudo por medo de encarar os olhares de uma sociedade a uma ou um divorciado. Uma vida deslocada, rasgada, divorciada, isto sim, do real. É com grande felicidade que vejo pessoas se divorciando, o número de separações aumentando: significa que mais pessoas estão considerando a vida nela mesma e tendo coragem para tomar a decisão de ouvir os apetites.

O amor ou a amizade não se deixa amarrar ou enlaçar, e quando você tentar fazer isto ele irá destruí-lo. Isto sem falar das pessoas que, presas a alguém por uma questão social, só encontram uma alternativa para responder aos novos apetites: as válvulas de escape. Amigos, parentes, e em muitos casos outros amantes – adultério – é fruto desta tentativa de engessamento do amor. O que a natureza não pode conseguir de um jeito, impedida pela sociedade, ela vai conseguir de outro. Portanto, Sinta-se sempre livre para começar e terminar romances e amizades, porque assim é a vida. Não se deixe aprisionar por instituições sociais que querem o bem da sociedade, e não o seu. Você tem o dever de ficar longe de deveres, ou pelo menos daqueles idiotas!

Para terminar, nos resta dizer o que é o ódio. Se a indiferença é o sentimento que você tem diante de alguém que não te interessa, e amor é o sentimento diante de alguém que te interessa e é correspondido, ódio é o sentimento que você tem diante de alguém que te interessa, mas cuja esperança não é correspondida. O ódio é o amor frustrado. O ódio não é a ausência de expectativas sobre um objeto, é quando este objeto não se identifica com você, ou não acha que você possa preencher alguma necessidade dele, no caso das pessoas. Você odeia quando acha alguém interessante – por portar atributos que satisfaçam suas necessidades – , mas este alguém não se interessa por você.

É assim que a linha que divide o amor e o ódio é mais próxima do que a maioria de nós imaginamos. O contrário do amor não é o ódio, é a indiferença. O amor e o ódio convivem próximos, assim se explica o fato de grandes amigos ou amantes passarem a se odiar de uma hora para outra, o que quase sempre é o que acontece. Raramente um relacionamento acaba em indiferença. Em geral acaba em ódio: discussões, brigas, aborrecimentos. Isto porque se acabou, o mais natural é que acabou por decisão de uma das partes, que rompe o contrato e provoca a ira da outra parte, a qual não terá mais aquela necessidade satisfeita: só lhe resta odiar. Dificilmente um casal de amigos ou amores, de comum acordo, chega a conclusão que não podem mais continuar juntos. O mais natural é que uma decisão unilateral seja tomada frustrando o outro, que passa do amor ao ódio em questão de instantes.

E veja. Como estas sensações não são estados, são sim afetos, é possível que você ame e odeie em diferentes momentos a mesma pessoa, várias vezes. Ora as pessoas fazem o que nós queremos que fizessem, eu as amo. Ora as pessoas fazem o que não queremos que fizessem, eu as odeio.

Alias, também é por isto que em alguns momentos algo me causa desprezo (indiferença), e em outros a mesma coisa pode me causa amor ou ódio. Isto é obviamente assim, porque no mundo sua constante tentativa é a de encaixar as pessoas que passam pela sua vida em uma cadeia de utilidades individual. Como se seu inconsciente estivesse sempre perguntando: “pra que vai me servir este fulano?” Pois é, quando você não acha serventia pra ele: indiferença. Quando acha, mas não é correspondida: ódio. Quando acha e é correspondida: amor.

Gostaria ainda de completar esta primeira exposição com mais um elemento: o respeito. Não o inclui entre aquelas três disposições porque seu caráter é eminentemente transitório. O respeito é a fase de definição que um indivíduo experimenta diante de um objeto quando ainda está avaliando quais são seus atributos e como ele poderá servir-lhe para eventualmente satisfazer às suas necessidades. O respeito é uma etapa de conhecimento, quando abduco de uma definição em nome de um conhecimento mais profundo daquele que vejo.

O que as pessoas chamam de respeito é apenas o período onde eu ainda não me decidi se aquela pessoa que estou vendo é útil para mim ou não. Conforme eu vou conhecendo o objeto do meu interesse, o respeito vai sendo substituído por alguma daquelas três sensações, de acordo com as mensagens que eu recebi, mas o mais comum é que o respeito caminhe lado a lado com estas outras sensações, misturando-se nelas, porque nunca, ou no mínimo raramente, conhecemos por completo alguém. Sempre há algo para descobrir, até porque as pessoas mudam, se transformam, e assim sempre há novos elementos para averiguar.

O que nutre o respeito é sempre a parte desconhecida da pessoa observada, porque ele se apóia na esperança de encontrar atributos que lhe interessem. Assim também como é natural nos enganarmos com alguém, porque pode existir o caso de desvendarmos apenas a parte de alguém que nos interessa, ocultando o resto. Isto faz com que achemos que uma pessoa é de um jeito, mas quando nos aproximamos percebemos o contrário. De certa forma no amor/amizade existe um jogo, sobretudo nos primeiros momentos do romance, onde procuramos filtrar com alguma inteligência as informações nossas que mandamos aos candidatos, de modo que apenas comuniquemos a eles o que achamos que eles deveriam saber, ou o que gostaríamos que soubessem sobre nós, ou ainda a parte de nós que achamos que lhes atrairá, enquanto tentamos ocultar aquela parte de nós que achamos que vai lhes causar repulsa. O problema é que

como isto não pode ser mantido por muito tempo, porque se você tiver sucesso a tendência é que seu novo companheiro queira te conhecer melhor, acabam-se revelando, ao longo desta empatia mais próxima, aqueles pontos ocultos, mudando as cláusulas da relação, e caso estes pontos estejam muito distantes da primeira imagem oferecida pelo amante, podem ser causa até do rompimento do compromisso estabelecido entre os dois.

Assim, com muitas pessoas seria ideal que mantivéssemos sempre a distância regulamentar e que nunca nos permitíssemos conhecê-la a fundo e perceber como seu verdadeiro eu pode ser pobre e desagradável. Seria ideal manter uma relação de respeito sem nunca querer descobrir a verdade. Talvez fosse isto que queria dizer Mario Quintana quando afirmava: “Preferi deixar dezenas de mulheres esperançosas do que uma só desiludida”. Pena que o ser humano não seja assim. Pena que o respeito não passe de uma fase transitória e conveniente apenas para que não excluamos alternativas sem ter o mínimo de conhecimento daqueles que estão ao nosso alcance.

3

A partir daqui a coisa começa a esquentar. É certo que a sociedade atribui a cada um de nós, através de critérios que não controlamos, uma energia, aquilo que passo a chamar de energia simbólica. A energia simbólica é a reunião de todos os atributos conquistados ou herdados por determinada pessoa, que gozam, estes atributos, de um certo reconhecimento social, de um valor específico, e por isto mesmo conferem poder para que seu portador faça valer no mundo a sua vontade, porque eles transferem à pessoa que os tem um certo direito social de ocupar ou postular coisas na sociedade.

A energia simbólica então nada mais é que uma nota geral atribuída ao agente pelo conjunto da sociedade, fruto da soma de suas características, que são também valoradas pela sociedade. Como assim características? Tudo o que esteja ligado ao agente e de certa forma sirva para defini-lo, para aumentar ou diminuir sua energia. Características são símbolos, sinais aos quais a coletividade deu uma nota. Por exemplo as roupas. As roupas que as pessoas usam transmitem uma mensagem e diz que aquele que a usa tem um valor, seja maior, seja menor, a depender do modelo de roupa usado. Sempre foi assim, e naturalmente os valores dos modelos são diferentes. Cada sociedade tem seus critérios e atribui notas a símbolos diferentes. Os valores estão inseridos numa tabela, numa hierarquia de símbolos mais ou menos valiosos dentro de um mesmo gênero. Certamente alguém vestindo um terno, uma gravata, uma camisa, uma calça e um sapato social não vai ser avaliado da mesma maneira que alguém vestindo uma camisa rasgada, um chinelo e uma calça moletom, por mais que as pessoas mintam e finjam não atribuir-lhes notas diferentes. Mas a roupa é apenas um elemento da energia simbólica. O cabelo é outro. Todos admitem que sejamos diferentes, mas algumas formas de cabelos valem mais do que outras. Assim como todos somos diferentes, mas aqueles que tem um carro são melhores do que os outros; assim como os que sabem ler são melhores do que os que não sabem ler; assim como os que tomam vinho são mais refinados do que os que tomam água; assim como os que ouvem a música X são mais sofisticados dos que ouvem Y.

Enfim, a sociedade valora todas as expressões das pessoas que nela vivem e as inserem em tabelas onde algumas condutas e a posse de alguns

sinais são encaradas como mais significantes e valiosas do que outras, e conseqüentemente os agentes que as praticam também são mais valiosos que outros e portanto tem mais energia simbólica que os outros. Entendam, não se trata aqui da noção ingênua de preconceito, trata-se do processo de diferenciação que é natural a todo e qualquer grupamento humano, mudando apenas os símbolos e seus valores. No final das contas, a energia simbólica serve para deixar claro qual é o galho de cada macaco, e onde alguns macacos estão autorizados a se meter, e outros não. Simplificando a coisa: a energia simbólica é o nosso preço, é o nosso valor, é o lugar na prateleira onde te colocam considerando tudo o que faz parte da tua identidade. “Quanto você vale?”. Resposta: Você vale o que você tem, ou seja, os símbolos sociais que você apresenta como parte da sua personalidade. E o valor que cada símbolo tem não depende de você, e sim da sociedade em que você está inserido.

O físico corporal é outro símbolo que aumenta ou diminui o preço de alguém: Gordos e magros, baixos e altos, narigudos, corcundas, olhos azuis, verdes, pretos, castanhos... tudo é valorado, categorizado e classificado, enquanto você se transforma num número, numa imensa reunião simbólica. Cria-se uma espécie de corpo ideal para homens e mulheres, apresenta-se maciçamente esta programação como referencial de perfeição, e as pessoas são hierarquizadas com base neste processo.

Que tal se continuássemos dando exemplos de símbolos que integram a energia simbólica das pessoas, mas agora partindo para os mais desconfortáveis? Antes, porém, lembro que aqui o caso não é dividir o mundo entre certo ou errado, porque isto seria ingênuo demais a este ponto da jornada. O mundo apenas é, o homem apenas é, e a partir daí as conclusões existem por conta dos seus problemas existenciais. Se esta realidade te agride, se você não se sente confortável com os esquemas desleais de competição social, este é um problema seu, e eu não tenho nada haver com o que você pensa ser a justiça ou a verdade. Vamos lá.

Um dos símbolos sociais que integra a energia simbólica das pessoas é a cor da sua pele. O coletivo confere, de modo exposto ou velado, um valor à cor de pele dos agentes. Em São Paulo, por exemplo, o branco tem disparado o maior valor simbólico, seguido pelo negro, e bem abaixo pelo mestiço, a cor da maioria dos imigrantes nordestinos que estão na capital. Isto significa que quando brancos, negros e mestiços se colocam diante da vida, aqueles que valem mais terão mais facilidades, terão melhores condições para lutar pelos objetos escassos em disputa na sociedade. A socie-

dade lhes dirá onde cada um está autorizado a entrar, e em nome do que cada um tem a legitimidade de falar.

O mundo social também confere valor ao local de nascimento, e aqui também exemplos não faltam. Eu mesmo, como brasileiro, senti minha energia simbólica despencar quando fui para a Europa, porque aquela sociedade – alias como qualquer outra, porque só mudam os critérios - admitiu critérios de regionalidade onde eu, brasileiro, valia menos do que o europeu, o africano menos do que o brasileiro, em suma, a este ponto já percebemos que a energia simbólica, definida pelos sinais que fazem parte da sua identidade, escapa ao seu controle, simplesmente porque não é você quem define o valor, que é definido socialmente, mas sobretudo pelos dominantes, que são dominantes justamente por portarem os sinais dominantes. O fato é que de repente as pessoas, no velho continente, já tinham definido para mim um papel social secundário porque os símbolos que eu portava não me credenciavam a voar mais alto.

E notem bem: o problema não é com a Europa, com os brasileiros, comigo ou quem quer que seja... é com a natureza humana, já que este fato se repete em todas as sociedades de todos os tempos, porque acima de tudo uma sociedade é o reflexo da nossa íntima natureza, do nosso desejo intrínseco de distinção: vejam que por exemplo todo o drama dos imigrantes nos países de primeiro mundo se repete com os mesmo imigrantes que vem da Bolívia para o Brasil, e se repete com regionalidades ainda mais restritas, como a figura do caipira na grande cidade, do homem do subúrbio numa região mais rica, etc...

Poderíamos falar de outro componente da energia simbólica: a profissão. Quem em sã consciência ousaria dizer, seria hipócrita o suficiente para dizer, que as profissões têm todas o mesmo valor? Quem é que não sabe que existem profissões mais valiosas que outras? E também que as pessoas são valorizadas também pela profissão que tem na medida do prestígio dela na sociedade? Assim, quando você tem uma profissão, quando você ao iniciar uma conversa com alguém diz qual é o seu trabalho, é claro que você está dando um recado: “sou médico, e minha profissão me confere uma maior nota, um maior valor, do que um gari ou uma faxineira”. Trata-se de fazer a pessoa conhecer um elemento da minha energia simbólica que me conferirá frutos na disputa.

A posse de bens materiais, a fama e prestígio e muitos outros, são todos sinais, todas variáveis que alteram pra cima ou pra baixo esta energia dos indivíduos. O fundamental é isso: A energia simbólica é a nota, o preço,

de cada agente no mundo, graças aos critérios que o próprio mundo social tem para todos nós, nota esta que é definida pela soma do valor dos símbolos, das marcas, que compõe cada indivíduo. A sociedade de homens – porque é isto que somos, não? Homens? – sempre será assim: um espaço de classificação simbólica onde alguns detêm os sinais mais valiosos e outros os menos, e as pessoas vão se arranjando nos lugares que elas pensam serem os delas de acordo com a nota que acreditam ter.

Isto dito, falta-nos esclarecer uma coisa. Acho que todos já perceberam – se não perceberam é melhor que passem a perceber – que não há mundo para todos. O mundo, em especial o universo social, é escasso. As pessoas, todas elas, estão em luta pelos objetos em disputa na sociedade. Lutamos pelos bens materiais, lutamos pelos cargos, lutamos pelos aplausos, lutamos pela fama e notoriedade e, também, lutamos uns pelos outros. O mundo social consagra uma rede de objetos e posições mais ou menos importantes ou valiosas que são alvo da luta das pessoas. Por objetos refiro-me não somente os bens materiais, como também as outras pessoas. O que estou dizendo é isto: as pessoas são disputadas, como objetos, umas pelas outras. Lutamos pelo direito de sermos amigos e amantes de outras pessoas.

Ora meus caros, agora qual é o papel da energia simbólica nesta luta? Ela é simplesmente a força que definirá por quais espaços ou objetos um agente está autorizado a lutar. É o medidor que as pessoas vão usar para se comparar e definir quem é mais forte e quem é mais fraco. É como um grande jogo de cartas. Cada um tem sua mão (energia simbólica) e em diferentes contextos e momentos os competidores a apresentam. O carteiro checka o valor de cada uma e define as posições e objetos a que cada um dos jogadores tem direito. E as regras do jogo? Estas já estão dadas quando os jogadores topam entrar nele. Portanto a palavra poder tem o mesmo significado que a energia simbólica: elas significam a posse de símbolos mais ou menos valiosos que te darão uma maior ou menor capacidade para competir no mundo e pelo mundo contra as outras pessoas da sociedade. Assim usaremos uma ou outra indiscriminadamente.

4

Neste momento você deve estar se perguntando: e o que diabos tudo isto tem haver com o amor e a amizade? Acontece que a maneira como você se relaciona com as outras pessoas tem haver com o valor social que cada uma delas tem, ou seja, sua energia simbólica, quando comparado com o seu. A forma como você trata aqueles que aparecem pra você está ligada à comparação que você faz, inconscientemente, da sua energia simbólica com a deles. Você trata as outras pessoas de forma diferente porque atribui a elas notas diferentes.

Lembrem-se que aquelas três reações que definimos no primeiro tópico - amor, ódio e indiferença – tem como base uma pergunta inicial que procuramos responder diante de alguém: “ele ou ela me interessam?” O que é o interesse? É o preenchimento das minhas necessidades. Mas notem. As pessoas não se interessam por todos os que poderiam, indiscriminadamente, suprir as suas carências. Ao contrário, as suas carências só admitem serem preenchidas por uma faixa específica de indivíduos da sociedade. Quem são estes? Aqueles que têm uma energia simbólica semelhante a minha. Em outras palavras, o que estou dizendo é que existe um momento anterior ao interesse que tenho alguém, que é a autorização, o ato de me sentir autorizado a me interessar por alguém. Antes da definição de quem me interessa ou não, existe a definição daqueles que eu sinto-me autorizado a me interessar. E por quem eu me sinto autorizado a me interessar? Por aqueles cuja energia simbólica é semelhante a minha.

Posto isto, a tese que lanço aqui é esta: Existe um equilíbrio inicial das energias simbólicas em toda a relação de namoro ou amizade. O momento quando dois amigos se conhecem ou o momento onde um casal se apaixona, é o instante quando encontram-se no mundo duas energias simbólicas de mesmo poder. Colocado de outra forma, há um equilíbrio inicial entre o reconhecimento que uma sociedade atribui aos símbolos possuídos por um agente e o reconhecimento que ela atribui aos símbolos possuídos por outro agente quando se encontram, o que é causa da paixão ou da amizade. A amizade ou a paixão é resultado do encontro entre dois agentes que detêm quantidade semelhante de poder na hora do encontro.

A sociedade, como disse acima, atribui a cada pessoa um valor. Este valor pode ser traduzido pela palavra reconhecimento. O reconhecimento – quer dizer, o conhecimento da energia simbólica de um agente - é a nota que a sociedade atribui a alguém pelo fato dele possuir os símbolos mais ou menos aplaudidos pela própria sociedade. Este reconhecimento encaixa as pessoas em tabelas, prateleiras, onde, dada a energia de cada um, elas ocupam lugares melhores ou piores, mais ou menos valiosos. Então existem tabelas para classificar as pessoas como mais ou menor valiosas segundo os atributos que possuem. E o lugar que você ocupa na prateleira define o modo como você vai tratar e considerar as outras pessoas da prateleira. De fato, as pessoas buscarão amizades e amores daqueles que ocupam posições parecidas na prateleira. Quando elas, no mundo, se depararem com alguém pouco valioso em relação a elas, a atitude será de total desprezo, porque não há interesse em se relacionar com alguém tão mais fraco do que eu. Em compensação, se elas encontrarem alguém mais valioso em relação a elas, a atitude não será de desprezo, mas sim de inibição, de timidez: elas se sentirão acuadas diante do valor superior do outro e também não vão ousar construir uma relação, pois não vão se sentir confiantes para isto. O mundo lhes ensinou qual seu valor e lhes deixou claro que se tentar algo superior a isto, tudo o que vai encontrar será um “não”. Então para não perder, as pessoas se acostumam a não lutar por aquilo que está muito distante da sua realidade, isto é, da sua nota. E assim, vamos descobrindo o quanto nós valem no mundo pelo que conseguimos conquistar, até que então passamos a procurar algo parecido com o nosso valor.

Então, existe um fabuloso equilíbrio de reconhecimento social nas relações de amor e amizade. Um equilíbrio de energias simbólicas. O valor reconhecido para A e o valor reconhecido para B pelo conjunto social são semelhantes, por isto eles são amigos ou amantes. Não estou dizendo que os símbolos dos amantes são os mesmos. Estou dizendo que o valor dos símbolos, independente de quais sejam, são os mesmos, ou no máximo parecidos. Como assim símbolos? O símbolo é um traço humano, fabricado ou natural, cuja sociedade reconhece um valor. Exemplos de símbolos? A cor da minha pele; as roupas que eu uso; as músicas que ouço; a comida que como; a forma como falo e o sotaque que tenho; o lugar da onde eu venho, minha nacionalidade; a bebida que bebo; os hábitos que tenho; o chinelo que uso; a casa que tenho e o lugar onde ela fica na cidade; o carro que tenho ou o fato de não ter um; a fama, os aplausos, os autógrafos, a

notoriedade ou a bajulação que outros despendem a mim; a aparência que tenho, o corpo que tenho com aquilo que é considerado defeito e normalidade; os amigos e amantes que possuo; a profissão que tenho e tudo o que consigo em decorrência dela. Em suma, todo o traço de humanidade valorado pela sociedade é um símbolo.

Todos estes símbolos e outros organizam-se em gêneros, em ordem de importância, de valor. Neste momento opera-se quase uma conta aritmética. Funciona assim: pegue uma pessoa e separe seus símbolos. Depois cheque a nota atribuída a cada símbolo olhando na tabela correspondente de cada gênero. Ser negro não é tão valioso quanto ser branco, ser nordestino não vale tanto quanto ser paulista, usar terno não vale tanto quanto usar camisa regata, ser professor não é tão valioso quanto ser engenheiro ou advogado, falar de boca cheia não vale tanto quando falar de boca vazia, etc. Por fim some todas as notas e chegue a uma nota geral para aquela pessoa. Esta nota é a sua energia simbólica. Esta nota é o reconhecimento de uma determinada autoridade na sociedade, um determinado papel e posição social, de sua força, de seu poder de definição do real. Pois bem, agora faça o mesmo exame dos amigos e amantes desta pessoa. O que você irá perceber é que a energia daquelas pessoas é semelhante a dele. A nota, o valor que a sociedade atribui a cada uma delas é semelhante ao valor que a sociedade atribui a ele. Por isto são amigos. Mais do que isto. O laço de amizade entre eles será tanto mais forte e estreito quanto maior for o equilíbrio da energia simbólica entre eles. O mesmo vale para o amor.

É este equilíbrio que torna as relações de amizade e amor possíveis, simplesmente porque é o que faz as interações humanas, marcadas pela luta e tentativa de dominação recíproca, harmônicas. É por terem energias semelhantes que ambos aceitam uma convivência pacífica. Quando as relações são desequilibradas, quando pessoas com energias simbólicas desiguais são obrigadas a conviver, quando aqueles que valem mais são obrigados a viver com os que valem menos, posto que no mundo não podemos escolher viver apenas com nossos semelhantes, o que existe não é o amor e a amizade, é a compreensão ou intolerância. A compreensão é apenas uma palavrinha bonita para indicar que os desiguais sabem quais são seus lugares e se limitam a eles. Cada macaco no seu galho. Duas pessoas se compreendem quando, sendo desiguais em valor, se dispõem a cumprir suas funções e seus papéis definidos dado seu nível de energia. A compreensão e a intolerância são marcadas pela escravidão do mais forte

ao mais fraco, porque há desequilíbrio. A compreensão acontece quando este desequilíbrio é aceito por ambas as partes como justo, ou seja, quando ambas as partes exercem seu poder na medida da sua energia. Já a intolerância acontece quando uma das partes anseia uma posição superior àquela que sua energia aponta: o senhor quer esmagar mais o escravo do que é de seu direito, ou o escravo quer uma posição mais vantajosa do que sua energia permite. Existe aquela frase que de vez em quando ouvimos: “ponha-se no seu devido lugar”. O que ela quer dizer? “Reconheça que eu sou mais forte que você porque os símbolos que eu tenho indicam que valho mais do que você e submeta-se.”

E como o caso aqui é estudar o amor e a amizade, continuemos desdobrando aquilo que falamos: A condição da amizade e do amor é o encontro entre duas pessoas reconhecidas pela sociedade com valores semelhantes. Esta é a condição para o início de um namoro ou uma amizade, o equilíbrio de poder. Vamos a um exemplo: A sociedade reconheceu à soma dos sinais do indivíduo X o valor 5. Este sujeito encontra outra pessoa Y que também era reconhecida com uma nota 5. Como há equilíbrio do poder e reconhecimento, eles se apaixonam. Outra hipótese: O mesmo indivíduo X com nota 5 encontra agora uma pessoa Z que a sociedade classificou com uma nota 8. O indivíduo X pode até querer algo com Z, mas Z vai desprezá-lo completamente e X vai aprender a não se interessar pelo que não é pro seu bico. Eis que então X dá uma grande virada na sua vida: ganha na loteria. Agora, com todos os novos e sofisticados símbolos que o dinheiro pode comprar, X aumenta sua nota para 8, e Z, que antes o desprezava, agora se interessa por ele. Z é chamada de interesseira, mas ela só é humana. Enquanto isto Y, que permaneceu com os mesmos símbolos, passa a ser desprezada por X, e o odeia.

Imaginemos uma situação ainda mais real, apenas para provocar o leitor. Jorginho é negro, vem de uma família pobre, com hábitos não reconhecidos como os mais valorizados, com roupas “feias”, enfim. Ele trabalha como faxineiro de uma grande empresa de carros, cujo dono tem uma filha chamada Patrícia, garota branca, rica, olhos azuis, refinada, bem vestida, educada, que trabalha como modelo. A pergunta é: qual é a chance de Patrícia se apaixonar por Jorginho nestas condições? Todos sabemos a resposta, não sejamos hipócritas. Patrícia não vai tomar conhecimento de Jorginho. Há apenas uma chance de eles se perceberem: Se Patrícia se desvalorizar muito ou Jorginho se valorizar muito. E então, o surpreendente acontece: Jorginho, inesperadamente é contratado por um grande time de futebol e vira o astro

da equipe. Rico, bem vestido e famoso, embora ainda negro, ele agora volta a mesma empresa, desta vez para comprar um carro de luxo. E Patrícia, pela primeira vez, passa a dar-se conta da sua existência, e os dois se apaixonam. Os diferentes símbolos valiosos, a fama e dinheiro do lado de Jorginho, a estética do lado de Patrícia, equilibra a energia simbólica dos dois, trazendo harmonia. E as pessoas que criticam Patrícia, chamando-a de interesseira? No fundo são invejosas que não tem o que ela tem para conquistar Jorginho. Elas não se conformam com a realidade do jogo, mas estas são as regras. Os dois estarão absolutamente convencidos de que o amor que compartilham não tem nada haver com as posses de um e a beleza de outro, mesmo que tudo o que eles façam seja no sentido de manter esta condição, porque instintivamente sabem o que atrai o parceiro.

Ora, o problema não é com estes dois. O que estou afirmando é que todas as relações de amizades e amores estão submetidas a estas regras: o equilíbrio simbólico. É claro que pegamos um caso extremo para entendermos, mas isto é muito mais sutil do que possa parecer com nosso exemplo. A energia simbólica é, assim, o critério para a escolha do parceiro amoroso, para o apaixonamento. Estando no mundo, a primeira impressão que temos é que as pessoas são livres para apaixonarem-se por quem quer que seja. Mas na verdade, a sociedade atribui a todos um valor e uma posição nas escalas definida por ela própria. Você é avisado do seu valor durante as tentativas de sedução ao longo da vida: pelos “sim” e “não” que recebe, vai descobrindo o quanto vale pelo que consegue conquistar, e, ao mesmo tempo, passa a procurar no “mercado” por alguma coisa próxima a sua nota. Assim o momento do enamoramento, o instante quando alguém se apaixonou, aquilo a que algumas pessoas chamam de mágica, nada mais é do que o encontro imediato de duas energias simbólicas que se equilibram, podendo desequilibrar no momento seguinte. Olhe para os casais no mundo, e você perceberá: há neles um encontro entre dois agentes que tem o mesmo reconhecimento de valor dentro de uma sociedade.

É por isto mesmo que embora haja exemplos como os de Jorginho e Patrícia, onde o equilíbrio se deu em gêneros de símbolos diferentes – um é muito valioso por causa do bens e da fama, enquanto a outra é muito valiosa pela sua condição estética – o mais normal é que o equilíbrio se de entre gêneros iguais, porque nestes casos este equilíbrio é muito mais fácil de ser atingido. Então, observamos que em geral pessoas de ricas casam-se com outras pessoas ricas, pessoas de classe médias casam-se com outras delas, pobres casam-se com outros pobres, belos casam com belas,

feios com feias, famosos com famosas e anônimos com anônimas, e quando não há uma igualdade dentro de um gênero (um feio namorando com uma bela), pode crer que esta desigualdade é compensada em outro (o feio é podre de rico, ou é um astro do rock, etc.), equilibrando a relação.

O fato é que você escolherá seu parceiro romântico no pequeno espectro de pretendentes que tenham a mesma nota que a sua. Fora disto, a escolha já está feita pelo valor simbólico que a sociedade atribuiu a você. Cabe a você encontrar aqueles que valem tanto quanto você acha que vale. E os outros? Aqueles que valem mais vão te ignorar até o ponto onde você mesmo perceberá que é melhor preservar-se da frustração da derrota e nem entrar nestas lutas para não perder; aqueles que valem menos não vão despertar interesse em ti e, como tal, você tratará de desprezar sem culpa no coração. Sua razão te convencerá de que tomou a decisão acertada e você seguirá sua vida tranquilamente achando que comanda seus instintos.

Ora, se é natural que pessoas com diferentes gêneros de símbolos, mas semelhante valor total, se apaixonem, como o caso do nosso jogador de futebol e da nossa modelo, mas natural ainda é apaixonarem-se pessoas com a posse de símbolos equivalentes dentro do mesmo gênero, porque aí o equilíbrio é mais forte. Assim, nos deteremos a analisar esta sintonia mais de perto, dividindo as alterações na energia simbólica em quatro grandes gêneros, quatro grandes tabelas simbólicas, que na vida real se misturam: a estética, ou tudo o que as pessoas chamam de belo e feio; a material, ou tudo o que o dinheiro pode comprar; a fama e o prestígio; e as culturais, tais como são os regionalismos. O equilíbrio que produz o amor ou a amizade entre duas pessoas será uma média destes quatro critérios, não significando necessariamente que todos os quatro precisam estar no mesmo nível, como já vimos nos casos em que o desequilíbrio de um gênero é compensado em outro, embora exista a tendência a um equilíbrio inclusive dentro dos gêneros. Vamos a análise de cada um, asseverando que agora falamos de tendências, e não de fatalidades, justamente pela hipótese do equilíbrio se dar por gêneros diferentes, de maneira compensatória.

Falemos um pouco sobre a estética. Quanto a estética, a sociedade construiu a imagem da mulher e do homem ideal, da cabeça aos pés, para depois comparar as pessoas no mundo com estas imagens, dando notas para elas. Tamanho da bunda, formato do nariz, lisura do cabelo, tudo é pré-definido pelos detentores do poder de definir. Define-se uma coxa ideal, bustos ideais, bocas ideais, olhos ideais, tudo isto para cada sexo, e constrói-se a imagem ideal do homem e da mulher. Quem constrói estas estátuas? Obviamente os agentes que ganharam este direito, o direito de definir a estética ideal. As posições que dão este direito a seus agentes são alvos de uma luta feroz. Os agentes que ganham a luta são aqueles que tem a maior energia simbólica para empregar no combate. Como a estética ela mesma é um dado para a composição da energia simbólica, aqueles que têm grande energia tendem a ter os sinais estéticos já valorizados, já dominantes, e quando adquirem o direito de dizer o que é belo e feio, é claro que a referência serão eles próprios, pois todos fazem apenas o que

é melhor para si, antes de qualquer coisa. Perceberam? Os agentes que tem mais poder conquistam posições que lhes permitem adquirir a autorização para dar definições mais vantajosas a eles próprios e que, por isso mesmo, só fazem aumentar mais ainda seu poder. O homem ideal e a mulher ideal são definições que tendem a se cristalizar por isto: quem pode fazer a definição do que é belo e feio faz segundo seus critérios de beleza, e estes critérios, quando se impõem ao coletivo, dão maior reconhecimento – o que significa poder - a pessoas como eles, que mais reconhecidas terão mais direito de falar em nome da beleza, perpetuando o ciclo.

O belo, o esteticamente perfeito, é definido e aplicado como um molde às pessoas do mundo, que claro não se ajustam perfeitamente a ele porque ninguém é tão belo quanto o ideal de beleza criada para ser a referência. O ideal de beleza age como um gabarito, onde a sociedade o compara com as pessoas do mundo e atribuem a elas um valor de acordo com o quanto se aproximam da referência. Esta nota é a energia simbólica estética do agente. Para exemplificar, faz parte do gabarito da mulher perfeita no Brasil a mulher branca, olhos claros, magra, fora outros atributos que vocês já devem imaginar. Assim, percebam que o coletivo dará uma nota para cada mulher comparando com uma hierarquia destes atributos. Assim ele reconhece nos corpos das pessoas os atributos que se aproximam do ideal e os que não se aproximam, faz uma soma de tudo, e classifica aquela pessoa, dando-lhe um valor no mundo. Pois bem, este valor será um dos critérios para o apaixonamento, e mesmo para a amizade, a ponto de podermos dizer que o homem esteticamente ideal só poderia se apaixonar pela mulher esteticamente ideal, e vice-versa. A regra então aqui é: quanto maior for o equilíbrio da nota estética dada a dois agentes, maior será a chance deles se apaixonarem ou se tornarem amigos.

Enfim, nossa conclusão é esta: existe a tendência a um equilíbrio estético entre os casais de namorados no momento em que se apaixonam, que só não é determinante porque temos que calcular também os outros critérios acima colocados. Mas a tendência é esta: belos ficam com belas, feios ficam com feias, na medida e no grau de sua beleza ou feiura. Assim, imaginando que o homem ou a mulher ideal seja um nota 10, o nota 5 tende a se intimidar diante de uma nota 9 e desprezar uma nota 2, mas busca uma nota 5, se contenta com uma nota 4, e arrisca uma nota 6. Quem poderia duvidar de tal clareza? Olhem os casais, e me diga se não é notável o equilíbrio estético entre eles! Como negar a crueza desta verdade!

É belo aquilo que diz que é belo os agentes autorizados pela sociedade para dizer o que é belo. É feio aquilo que diz que é feio os agentes autori-

zados pela sociedade para dizer o que é feio. Como todos só vivem de acordo com os próprios interesses, é belo aquilo que interessa ser o belo para o agente que detêm o poder de dizer sobre o belo. Portanto, como o que interessa ser belo só pode ser algo próximo ao próprio agente definidor para que ele possa usufruir da condição de ser belo auferindo mais poder, o belo é o próprio agente, ou algo parecido, que detêm o poder de dizer o que é belo. Tal é o caráter narcisista das construções estéticas.

Ainda sobre a estética, é interessante colocar que, com vistas a alcançar a ideia de homem e mulher ideal, o mundo contemporâneo tem se tornado especialista em propor ações que permitam uma verdadeira reconstrução dos corpos das pessoas, cuja iniciativa é daqueles que olham-se no espelho e não gostam do que vêem, pois enxergam alguém em descompasso com a imagem perfeita preconizada que os dominantes da estética lhe fizeram engolir. Este remodelamento, ou até renascimento dos corpos, se inscreve na lógica clara de aumento de poder. O que estes agentes buscam é aumentar sua nota na escala estética para poderem competir no mercado dos casamentos/relacionamentos pelos pares mais valorizados das prateleiras. É assim que surgem milhares de tiranos por todos os lados dizendo às pessoas quais são as melhores fórmulas, que são vendidas por eles, para se alcançar o corpo perfeito. Alguns fazem academia, alguns fazem dieta, fazem cirurgias, implantam cabelo, tiram cabelo, bronzem, ficam brancos, usam olhos postiços, unhas postiças, bustos postiços, glúteos postiços, coxas postiças, etc... São praticamente infinitas as estratégias buscadas pelos atores para fazer crescer sua nota, rumo ao ideal. Existe mesmo um nível de especialização de tiranos do corpo que já me rendeu algumas risadas. Existem especialistas para as pernas, especialistas para a boca, especialistas para os cabelos (estes já são antigos, mas hoje fazem cada pirueta...), especialistas para a bunda, pra tudo temos especialistas! O único que não é especialista no nosso corpo somos nós! Há mesmo coisas esdrúxulas, como um produto que dá choques e deixa a barriga “tanquinho”, o outro que faz o camarada tomar sopa a semana inteira, o outro que com apenas duas pílulas tira seu apetite o dia inteiro, e assim as pessoas se acostumam a viver vidas totalmente escravizadas aos critérios da sociedade, totalmente descoladas, vivendo mesmo a mercê dos desígnios da imagem de perfeição assinada por agentes que com certeza não são perfeitos. No fundo, a luz desta abordagem, o que significa isto? Certamente uma tentativa de permuta, isto é, trocar poder econômico por poder estético, trocar energia simbólica material por energia simbólica es-

tética. Ou seja, se você tem dinheiro de sobra, sempre poderá aumentar seus seios ou o que quer que seja e fazer sua nota estética ir as alturas, dependendo do que você por no lugar.

O mais engraçado é que embora não seja freqüente, fazendo parte mesma da dinâmica dele pouco mudar, algumas vezes os critérios estéticos mudam, porque estão a mercê dos ocupantes das posições de poder, que podem ascender a elas por causa dos outros gêneros. Então o que vejo são pessoas correndo atrás dos critérios da moda e tentando mudar a medida que eles mudam. Elas colocam silicone quando um busto grande esta em alta, depois tiram quando esta em baixa, depois colocam em outros lugares, aumenta barriga, diminui barriga, e assim vão vivendo e tentando sempre correr atrás da ideia de beleza que nunca vai ser alcançar. Todo este processo exige tamanho esforço que praticamente as obriga a viver em função desta busca, sem nunca aproveitar a vida no presente e aproveitar o que já se tem ou é.

Independente disto, creio ter ficado claro o primeiro critério para o enamoramento, o equilíbrio estético. Passemos ao prestígio. O prestígio é a fama, é o reconhecimento dos seus pares ou dos agentes gerais pela conquista de algum troféu nos jogos específicos da sociedade, como um médico bem sucedido, um educador renomado, um advogado reconhecido, que proporciona a estes vencedores poder para ditar regras nestes campos e até fora deles. E, claro, sem sermos ingênuos, o conjunto social já definiu quais as atividades mais ou menos valiosas. Portanto o educador mais famoso não será tão importante quanto o político ou o jogador de futebol mais importante, que terá um nível de aplausos incomparavelmente maior que o primeiro.

O prestígio é sempre direcionado não a pessoa em si, mas ao fato dela ocupar uma posição social cuja sociedade julga que deve ser ocupada por alguém importante. Pois o que faz este alguém ser importante é o próprio fato dele ocupar a posição em questão. Existe no tecido social uma hierarquia de posições de poder, onde algumas merecem mais aplausos que outras, e que por este motivo fazem com que exista uma hierarquia de posições que conferem prestígio em níveis diferentes a seus ocupantes. Prestígio é uma outra palavra para respeito social, ou autoridade social em um determinado campo, mas que busca sempre universalizar suas opiniões para o resto da sociedade. No fundo prestígio e fama é somente isto: o número de pessoas que estariam dispostas a ouvir com atenção o que você está falando.

Um dos exemplos mais claros para mim é o dos professores da USP. Este cargo é por si investido de uma carga de prestígio que faz com que qualquer um que ocupe esta cadeira seja considerado o maior especialista do país no assunto, mesmo sem ninguém testar os conhecimentos dele. Existe uma crença generalizada que diz que “se ele é professor da USP, deve saber o que está falando”. É esta autoridade, este poder de definir o mundo, este poder de falar e ser ouvido, que confere a este agente um aumento da sua energia simbólica. É claro, que este valor se relaciona não só com o cargo que ocupa, como também com a área de estudo específico – não é igual o prestígio de um professor de direito e de um professor de Geografia da USP – e também do assunto a que se referem. Então no caso do prestígio nas relações amorosas o que conta é não só a cadeira que o sujeito ocupa, mas também o prestígio que goza o próprio assunto, a própria especialidade daquele que fala, no tecido social, como também a autorização que o seu campo tem para falar daquele assunto para o universo social, já que, por exemplo, um biólogo da USP tem muito pouca autorização para falar sobre a Justiça em comparação com um jurista da mesma universidade, sem com isto haver a menor preocupação se o biólogo entende mais da justiça que entende o jurista. Isto está implícito. Este é o valor simbólico das posições. É a pressuposição do conhecimento sem averiguá-lo de fato, e sem a preocupação de fazê-lo, a ponto do sujeito falar a coisa mais prosaica do mundo e ser aplaudido como um grande erudito. Não são os melhores em suas áreas que ocupam as posições mais importantes destinadas a eles, são as posições mais importantes que fazem com que todo mundo ache que aqueles que as ocupam são os melhores nas suas áreas.

Dei este exemplo para que entendamos, mas a rigor todas as posições de poder da sociedade conferem prestígio a seus ocupantes, de acordo com o próprio prestígio que a sociedade atribui àquelas posições sob a fórmula: “se ele está aí, deve ser bom”. Quando você tem uma doença grave e procura o melhor hospital do país, você julga, sem sequer conhecê-los, que os médicos daquele hospital são os melhores apenas porque ocupam posições altamente prestigiosas. Você confia na sua fama, por isto se entrega ao poder que aquele agente tem, poder de te convencer que tem poder.

Podemos pegar outro exemplo ótimo: os ministros do Supremo Tribunal Federal. Analise suas ações e posturas diante dos casos que eles julgam e você vai perceber que a maior parte delas são tão estúpidas quanto a decisão de uma criança ou de um idiota. Está claro para todo mundo que quer ver

que a maioria deles não tem a menor idéia profunda do que de fato fazem ali, do seu papel social, da repercussão das suas ações. A maioria deles são ignorantes insensíveis que fizeram cada bobagem, por ficarem presos aos meandros do sistema jurídico sem atentar que este só existe em nome da sociedade e não o inverso, que todos ficam surpresos com a quantidade de gente querendo saber suas opiniões sobre os assuntos do país. Por que? Porque quem é entrevistado não é o fulano X enquanto X, mas é X enquanto ministro do STF. De modo que se esse cara fosse um pinguço dormindo no meio da praça da sé, ninguém se importaria com o que ele acha do mundo, mesmo que ele falasse 15 línguas e fosse o novo Aristóteles.

Desta forma, o prestígio é um dos ingredientes daquele equilíbrio simbólico que deve haver para que a paixão ou a amizade surja. O número de pessoas dispostas a ouvir o que você fala – isto é o prestígio -, ou seja, os aplausos a você garantidos dada a cadeira que ocupa é um elemento da energia simbólica dos agentes. Por isto as pessoas quase que se matam por seus 15 minutinhos de fama, e todos fazem de tudo para que suas obras e feitos apareçam mais do que os dos outros. Em alguns campos este ingrediente é secundário, mas há espaços que ele reina absoluto, como no campo acadêmico. No campo acadêmico reina fundamentalmente a disputa pelos aplausos dos pares, pelo reconhecimento, pelo direito de falar e ser ouvido, tanto é que a vitória neste campo é medida, também, pela quantidade de citações a sua pesquisa, ou pela venda de livros, ou pelos congressos lotados, etc.

Então, além de ganhar uma nota pelo caráter estético, você ganha uma nota pelo prestígio que porta. Há uma tabela das posições de prestígio e seus valores, e a sua posição é encaixada nesta tabela e valorada. É muito interessante observar a sabedoria instintiva das pessoas, que sempre procuram compensar suas lacunas. Quando alguém, por exemplo, é esteticamente muito distante do ideal de beleza construído socialmente – em outras palavras, quando alguém é feio – “misteriosamente” ela ganha um interesse tremendo por uma vida voltada para a conquista do prestígio, porque sabe que se depender da beleza estará perdida. Assim os feios ganham uma motivação enorme para os estudos, para as conquistas que não dependam da beleza como escrever livros, ensinar filosofia, etc... Enfim, acho que todos entendem o que estou dizendo não é? Na escola os chamamos de “nerds”, “CDFs”, normalmente os indivíduos esteticamente distante do ideal de perfeição definido socialmente. E depois eles ainda ficam criticando os belos, dizendo “do que adianta ser bonito e não ter nada na

cabeça?”. Pois é claro, você só fala isto porque precisou ter algo na cabeça, porque precisou estudar, porque se não estudasse não conseguiria equilibrar a luta contra os belos, porque se dependesse da sua beleza estava lascado. E bom, se os critérios são definidos socialmente, isto não faz deles menos reais, as pessoas continuam acreditando. A diferença entre a mentira e a verdade é que as pessoas acreditam na verdade. Então se você não está próximo a idéia de beleza que a sua sociedade cultiva, trate de ter prestígio se você quer conquistas amorosas ou amizades mais ambiciosas, mais valiosas, ou então apele para os outros critérios.

Uma parte importante deste gênero são as próprias amizades e romances. Vejam, a energia simbólica, a nota do indivíduo, é o que define suas relações no mundo, e sobretudo com quem ele terá relações. Como já dissemos, as pessoas procuram no mundo a qualidade de pessoas de acordo com a qualidade de si próprias. Se elas foram ensinadas a acreditar que sua nota é 6, dada a soma dos atributos e o valor social de cada um, vão procurar outros 6, vai tolerar um 5 e vão arriscar um 7. Assim elas definem suas amizades e amores, dentro deste campo de possibilidades.

O caso é que as próprias amizades e amores integram a energia simbólica delas próprias, juntamente por causa do prestígio. Então, se a qualidade dos amigos que você tem depende da sua nota, depois de tê-los eles próprios aumentam esta própria nota, porque passam a colaborar com esta pessoa e torná-la mais forte. Eles te arrumam empregos, apóiam seus projetos, prestigiam seus livros, te emprestam dinheiro, te rendem felicidade... E tudo isto te faz mais poderoso. Não é outro o sentido da palavra qualidade ali de cima. Quando digo “a qualidade dos amigos”, isto significa: a força que meus amigos têm no mundo. Então a energia simbólica oscila não tanto pela quantidade de amigos, e sim pela força que cada um deles tem de fazer ao amigo favores. Por que? Porque não é o mesmo ser amigo do Zé da esquina e do ministro do Supremo Tribunal Federal. Você pode ter 40 amigos no bar do Joaquim, mas se você for amigo de um ou dois deputados ou senadores, isto já é completamente diferente. E aqui, por tudo isto, não é surpresa o que vamos falar agora: existe um equilíbrio de poder entre os amigos, porque senão não seriam amigos, o que vale também para os amantes. É claro, de novo, que este equilíbrio pode se dar de maneira compensatória como já falamos, mas os poderosos serão amigos de outros poderosos, compartilharão interesses comuns, se protegerão e adularão. Grandes artistas serão amigos de presidentes, jogadores de futebol amigos de artistas, e tudo gira numa grande ciranda onde o prestígio

é repartido dentro de uma elite, através da auto-masturbação dela mesma.

Fica colocado deste modo: quanto maior o equilíbrio da nota em prestígio, fama, dada a dois agentes, maior será a chance deles se apaixonarem ou se tornarem amigos. Existe a tendência a um equilíbrio de prestígio entre os casais de namorados no momento em que se apaixonam, que só não são determinantes porque temos que calcular também os outros critérios. A tendência é esta: Aplaudidos ficam com aplaudidas, esquecidos ficam com esquecidas, na medida e no grau de seu prestígio ou insignificância.

O terceiro critério é o dos bens, que nada mais representa que o poder material de poder comprar objetos de consumo que o agente tem, porque todos estes objetos são, acima de tudo, um símbolo de poder. Um carro do ano, uma casa própria, um terno, um sapato, um conta paga num restaurante caro, um empregado, todos são exemplos de elementos que fazem subir ou descer a energia simbólica da pessoa que o detêm, na medida em que o que é possuído é reconhecido como valioso.

O mais curioso é que, por sua própria natureza, este reconhecimento, ou seja, este aumento da energia simbólica, tem duas variáveis: a mais simples é a forma como a posse dos bens materiais facilita a vida, seja a minha, seja a dos amigos ou amantes. Assim é claro, entre conviver com alguém que não tem nada a oferecer e outro alguém que pode oferecer a conta paga num bom restaurante, uma carona, uma casa bem situada, etc., é óbvio que as pessoas escolherão o segundo, pois ninguém prefere o sofrimento se pode escolher o conforto. No entanto há uma variável mais complexa que envolve não tanto a riqueza em si, mas a impressão de riqueza. Dito da forma mais simples possível funciona assim: a posse de coisas determina qual é o seu valor em relação a todos os outros agentes, de acordo com o valor das coisas possuídas, certo? Por quê? Porque quando olhamos para algo com alguém, julgamos que a pessoa que o possui deve ter qualidades acima da média que a façam merecer este algo e justifique a sua conquista, como se os bens que possuímos fossem fruto do nosso esforço e talento pessoal. A fórmula é: “quem tem merece ter, quem merece ter merece porque é melhor”.

Posto desta forma, aqueles que andam de carro importado, por terem dinheiro para comprá-lo, são reconhecidos como mais valiosos em relação àqueles que andam de ônibus, justamente pelo próprio critério do poder de compra. E isto porque aqueles que avaliam (todos nós, no fundo) pensam que quem está no carro importado está por seu mérito, está por sua capacidade, “fez por merecer”, e isto porque tem mais valor e qualidade

que os outros. É assim que começa a ocorrer uma inversão ótima: de repente a riqueza não é mais caso de possuir coisas, muito mais de parecer possuí-las, desde que você tenha condições, pelo menos pelo período que te interessa, de mantê-las. E você, ingênuo, perguntará: qual a vantagem em manter a aparência de possuidor não o sendo, por um tempo pequeno? Ora ora, acontece que este pequeno lapso de tempo pode ser o suficiente para conquistar aquela garota que você deseja, ou impressionar o chefe que pode te dar determinado emprego, quem sabe? O caso é que você expressa seu valor em vários momentos da sua vida (nas lutas), por pessoas, por cargos, por aplausos, por objetos. E alguns, não tendo energia para disputá-las, podem no mínimo tentar fazer crer que a possuem, e quer saber: na maioria dos casos funciona. Um aluga um carrão, o outro paga o restaurante que não pode, o outro parcela o presente que dará a alguém em 30 vezes. Existe de tudo neste mundo! O que é inegável é isto, a imagem da posse dos bens materiais definitivamente integra a energia simbólica e, portanto, influi na qualidade dos amigos e amantes que você terá. E claro, melhor do que a imagem é a própria posse, mas se você não pode tê-la, porque não tentar esta outra via?

A grande curiosidade neste ponto é que, assim como na beleza, acontece algo bastante interessante: os itens de consumo são organizados segundo o reconhecimento social que as pessoas creditam a ele, ou seja, segundo a aparência de poder que as pessoas dão àqueles que o possuem. Ninguém poderia dizer que uma Ferrari vale mais que um Fusca porque corre mais rápido, até porque em São Paulo isto não significa nada, já que você não sai do lugar preso no trânsito. É claro que há uma diferença de valor intrínseca, mas que de longe não corresponde ao preço real praticado. É óbvio então que a diferença do preço de uma Ferrari é muito mais simbólica do que qualquer outra coisa.

Pois bem, onde quero chegar? bem nisso: o fulano que anda de Ferrari é tido como mais valioso que aqueles que andam de Fusca. E por isto, ele leva uma vantagem nas diversas disputas da sociedade, simplesmente porque as pessoas presumem que ele é melhor, por mais que escondam este exame. Levando mais vantagem é óbvio que há uma tendência a que ele conquiste mais e melhores posições, que lhe dêem poder... Poder para? Poder para falar e ser ouvido, reconhecimento. Com mais poder ele passa a ser mais escutado, e mais escutado suas opiniões são mais escutadas. Então imaginando que alguém lhe pergunte o que é mais valioso, um Fusca ou uma Ferrari, o que vocês acham que ele vai responder? Quem acertar

ganha um doce. Uma Ferrari é obviamente mais valiosa para ele. Mas se ele é mais escutado, sua idéia ganha mais ressonância. Ressoando mais ela fortalece ainda mais aqueles que têm Ferraris, incluindo, é claro, a ele próprio. E mais fortalecido maior é seu poder. Perceberam? Tal é a lógica da dominação, da instituição de valor dos bens materiais. É aquele que anda de Ferrari quem tem o poder para dizer que esta prática é a mais valiosa, e portanto que são menos valiosas as outras práticas competidoras. O seu poder não é auferido necessariamente do fato deles terem o poder econômico, mas deles demonstrarem que o tem comprando aquilo que logo após será por eles valorado como os objetos que demonstram este poder, o que de fato confere a eles o poder econômico que eles afirmam ter, perpetuando o ciclo.

Então chegamos a seguinte situação. Existe uma grande luta no cotidiano que é protagonizada pelas marcas e a busca de reconhecimento destas como símbolos de poder, sinais de riqueza, prosperidade, vida de sucesso, e todos os atributos que a publicidade tenta nos fazer engolir associada a seus produtos. Então as marcas estão sempre associando-se a seu público alvo, mas o caso é que este público é sempre o resultado de uma luta entre as marcas pelo poder de conquistar o direito de falar pelos mais poderosos economicamente da sociedade. Todas as marcas têm a pretensão de associarem seus produtos aos mais poderosos. A maioria não faz porque há uma luta por este direito, o direito de servir como porta voz dos bem aventurados, dos abençoados por Deus, e esta luta é dominada pelas marcas que hoje são chamadas de “chiques”. As marcas mais valorizadas na escala de valores dos bens de maior prestígio são aquelas usadas pelos agentes de maior poder econômico, e este poder se deve em parte pelo próprio direito que é conferido a estes agentes de falar o que é chique e o que não é. Já que são eles os únicos capazes de comprá-las, eles monopolizam o poder sendo os únicos a usá-las, e assim, dominando os símbolos mais fortes, ganham mais força para definir os próprios símbolos que lhes dão força.

Portanto os agentes ganham uma nota de acordo com os bens que podem comprar e que estão tabelados como bens mais ou menos simbólicos de quem tem poder econômico. Falando do amor e da amizade, quanto maior o equilíbrio da energia simbólica associada ao poder de compra de dois indivíduos, maior será a chance deles se apaixonarem ou se tornarem amigos. Existe a tendência a um equilíbrio do poder de comprar entre os casais de namorados no momento em que se apaixonam, que só

não é determinante porque temos que calcular também os demais critérios, quando de repente poderá haver uma conversão (hipoteticamente, uma mulher esteticamente valiosa se apaixona por um homem esteticamente pobre, que no entanto é um rico, ou jogador de futebol, ou artista de hollywood, ou cantor de rap, ou tudo ao mesmo tempo). Mas a tendência é esta: ricos ficam com ricos, pobres ficam com pobres, na medida e no grau da sua riqueza ou pobreza.

Ainda no tocante ao poder de compra, os dominados deram um golpe de mestre nos dominantes que conta, logicamente, com meu total apoio e incentivo: a pirataria. A pirataria é resultado deste massacre simbólico a que passam os agentes quando são valorados pelo que possuem e se dão conta que o rico é muito mais valioso que o pobre. A pirataria é a verdadeira tentativa de ascensão social e subversão da ordem, mas também é o mais claro exemplo da vitória do critério dos ricos sobre os pobres, porque a perspectiva dela não é destruir as marcas ou redefinir os sinais, e sim poder usá-los. É um verdadeiro atestado de aprovação dos pobres às definições dos ricos, ou se preferirem, um atestado ao pleno funcionamento do jogo, por mais injusto que ele possa parecer.

A pirataria é a alternativa usada pelos mais pobres para terem o mesmo respeito social que os mais ricos, sem pagar o preço que apenas os mais ricos podem pagar. Na verdade o preço original dos produtos será sempre tão alto quanto o necessário para que poucas pessoas possam ter e que portanto funcione como um sinal de distinção social e valorização na luta. Sua adesão e apoio à pirataria será tanto maior quanto menor for o seu poder de comprá-los. A pirataria é o verdadeiro desvio da lógica da dominação, na medida em que agora o pobre é capaz de ter o mesmo prestígio que o rico, e assim brigar pelas mesmas posições de definição, sem no entanto ter as mesmas condições materiais de existência que ele – dinheiro, por exemplo -, que sem a pirataria seriam mais decisivas do que já são e concorreriam para manter o monopólio do poder dos signos nas mãos de uma minoria ainda mais do que acontece hoje. Só posso ser a favor, primeiro porque me aproveito muito da pirataria que me possibilita acesso a bens que de outra forma seriam impossíveis, segundo pela admiração a esta estratégia engenhosa que alguns dominados lançaram mão para aumentarem seu poder. Relacionando a pirataria com o amor e a amizade, fica claro que o advento desta estratégia muda com grande repercussão o equilíbrio de poder entre os agentes, porque com ela alguns agentes podem agora aumentar seu poder de reconhecimento, fazendo

umentar sua nota neste quesito, e permitindo a eles acesso à uma competição mais justa pelos parceiros/amigos que nunca poderiam ser conquistados sem a pirataria. Quantos amores não foram patrocinados pelos piratas? Viva a pirataria!

Fechamos este parte da reflexão concluindo que o poder de comprar bens é um critério importante para a definição do parceiro amoroso ou do amigo, sobretudo nas sociedades que cultivam o estereótipo do homem que sustenta a mulher, como a nossa. Nos casos destas sociedades fica claro que há em muitos casais uma compensação entre o poder do homem de poder comprar bens para a mulher e o poder estético da mulher que se oferece ao homem, em geral esteticamente deficiente. Embora haja um movimento de libertação desta tendência, já que as mulheres estão cada vez mais atuantes no mercado de trabalho, o estereótipo ainda é muito violento, existindo em alguns círculos ainda a cultura de preparar o homem para ganhar dinheiro não para si, mas para sustentar toda uma família, a começar por uma esposa que se dedicará o dia inteiro a embelezar-se, freqüentando os especialistas estéticos com o dinheiro do marido para estar pronta para cumprir este papel. Este raciocínio, a luz das premissas aqui assumidas, é extremamente perigoso pra mulher, porque ao contrário do poder de compra do marido que com o passar dos anos tem uma tendência ao crescimento, aumentando sua energia simbólica, o poder estético da mulher tende a ir se enfraquecendo conforme passam os anos: cada vez mais velha, recorre a mais e mais especialistas, e sua vida se vê quase completamente escravizada para estes desígnios. Mas a certa altura nem eles conseguem manter a estética, que cai conforme a velhice chega. Neste momento – que varia muito de acordo com o caso, mas inevitavelmente chega pra todos – criasse um desequilíbrio na troca sustento por beleza. O que faz com que a mulher se obrigue a escravizar-se ao marido, colocado-a em maus lençóis. Neste momento a mulher será cada vez mais humilhada conforme o desequilíbrio se acentue, e quanto antes não tomar uma atitude mais prolongará sua angústia, na esperança que caia uma solução do céu. Tal é o caráter perigoso para a mulher da relação homem/sustento + mulher/beleza. Infelizmente este estereótipo esta muito mais vivo do que as pessoas julgam estar.

Resta-nos ainda falar sobre o quarto gênero que influi na energia simbólica: a cultura. Podemos definir esta categoria como referente especialmente aos regionalismos e seus hábitos. Em outras palavras, os habitantes de algumas regiões valem mais do que outras simplesmente pelo fato de terem vindo daquelas regiões. Aqui deixo bem claro: relembro que não

estou aqui para dizer como deveríamos ser, e sim estou dizendo como as coisas são. O mundo é assim. Quem poderia negar isto, quem seria tão sí-nico a este ponto? Isto não é uma exclusividade do indivíduo A ou B, ou da região C ou D. Transcende a uma pseudo-vontade do indivíduo de mudar isto, é mais forte que ele. As pessoas, quando muito, podem tentar fazer um esforço tremendo para esconder, para não expor estes conceitos, mas nunca pelo caráter justo ou respeitador que esta atitude poderia ter, e sim porque elas temem pela reação umas das outras e pelas vantagens que poderiam perder no jogo, quando externalizam seus preconceitos. Tento, com toda a força que possuo, porque minha educação cristã me força a isto, lutar contra meus demônios interiores, mas é uma luta inglória. Os esquemas da sociedade sempre são mais fortes, e se você pensa ter se libertado dos seus preconceitos e pensa enxergar os outros sem valorá-los através da categoria cultural que aprendeu a respeitar você não é humano.

Assim, regiões são mais importantes que outras, estilos musicais são mais importantes que outros, sotaques são mais importantes que outros, expressões artísticas, modo de se vestir, de se comportar, de andar, de mexer as mãos, de comer, de rezar, enfim! Tudo é hierarquizado. Tudo é dividido em certos e errados, adequados e inadequados. E a energia simbólica dos agentes flutua de acordo com as concepções dominantes da região, e principalmente o lugar que suas práticas ocupam nesta hierarquia local.

Poderia aqui de novo usar-me de cobaia e falar de novo dos portugueses, desde que fique claro que isto não é exclusividade de Portugal, isto se repete em toda parte onde existam humanos. O caso é este: chego eu em Portugal, desembarco no aeroporto de Porto. Pego minhas malas e acompanho um grupo de uns 15 ingleses que viajavam juntos, todos da mesma idade que a minha. Ao passar por um agente de segurança que checava os passaportes os 15 ingleses passam, e eu fico para uma checagem mais “rigorosa”, onde me foram feitas perguntas absolutamente insultuosas a minha dignidade e honra. Ora, quem não sabe que esta decisão se deu tão somente por causa da minha nacionalidade? Então você dirá: “os portugueses são maldosos”. Errado! Como disse, o problema não é o povo A ou B, é uma coisinha chamada ser humano. Isto se reproduz com todos os regionalismos. Perguntemos aos nordestinos que moram em São Paulo e ousamos o que eles tem a dizer! Apesar de serem uma grande população da cidade, porque não há nenhum deles apresentando um telejornal, por exemplo, nas maiores redes de televisão da cidade? E a situação de quase escravidão dos bolivianos aqui? O que diremos a este respeito?

Alias, se há um ponto positivo em morar no Brasil é este: como somos uma nação muito desigual, esta realidade fica muito latente. Ora, todos estes tratamentos desiguais, que os senhores são convidados a observar no dia-dia, são o resultado do reconhecimento a um determinado valor específico de uma regionalidade, o que empurra a energia simbólica do indivíduo para cima ou para baixo definindo a maneira como ele será tratado pelos seus pares, e evidentemente também pelas instituições sociais.

Toda esta temática tem haver com o problema que os imigrantes enfrentam em todas as partes do mundo. Fronteiras livres? Um mundo sem barreiras? Sem chance. As instituições da sociedade existem para proteger a própria sociedade, de preferência impedindo que os povos “inferiores” invadam os territórios da “alta cultura”. Portanto convença-se de uma vez por todas de uma coisa: não se trata do que você sabe ou do conhecimento que você tem, trata-se do que você é, do valor que o que você é tem para a cultura onde você está. Não é você que escolhe seu valor: o mundo já fez isto por você, já definiu o quanto vale ser brasileiro, falar português, comer arroz e feijão, gostar de samba, etc. E se você não gostou, tem outra solução: pegue uma arma ponha na cabeça e estoure seus miolos, porque o mundo não vai parar de girar da forma como gira só porque você está descontente com o valor que te deram. E também não haja como se você fosse o salvador da pátria, o pai da justiça: o que você quer é fazer triunfar seus critérios, valores e símbolos, antes de mais nada. Nunca esqueça-se disto.

O que nos importa desta conversa toda é constatar o óbvio com relação ao amor e a amizade: quanto maior for o equilíbrio cultural, a aproximação, entre duas pessoas numa mesma localidade maior será a tendência de que estas sejam amigos ou amantes, porque maior será a chance de que suas energias estejam em equilíbrio, a depender, claro, das outras variáveis já discutidas, que poderão compensar eventuais desvalorizações. É por isto que os estrangeiros tendem, quando fora do seu país, a se agruparem em comunidades juntos com os de mesma nacionalidade. A tendência é esta: brasileiros ficam com brasileiros, franceses com franceses, bolivianos com bolivianos, evangélicos com evangélicos, e assim as regionalidades tendem a se harmonizarem mais com seus semelhantes porque compartilham de um mesmo valor na sociedade, tornando o equilíbrio mais provável. Não é uma regra, pois precisaríamos analisar como este critério se integra com os outros três que já vimos (estética, prestígio, poder de compra), mas é uma tendência.

Com tudo isto dito, expus as divisões básicas da energia simbólica, que quando em equilíbrio provocará a amizade ou o amor daqueles que se en-

contram. A energia simbólica é, portanto, o resultado da soma destes 4 componentes: estética, prestígio, bens exteriores e cultura. Você vai se apaixonar ou criar uma amizade com alguém quando encontrar uma pessoa que tenha semelhante energia simbólica que a tua, que pode ser baseada no equilíbrio de um mesmo gênero, o que é mais provável, ou na compensação de um pra outro. O resultado será uma empatia óbvia e natural, que será compreendida por você como algo místico ou misterioso. A conversa vai fluir magicamente e você irá lançar todo aquele arcabouço de piruetas que as pessoas arranjam para explicar o que não entendem. Pois uma delas faz muito sentido: “Deu química”. A única coisa que faltava explicar era porque.

6

A diferença do amor e da amizade é a proximidade do equilíbrio de poder, ou seja, quanto mais equilibrado, maior a tendência para o namoro ou para o amor entre amigos, no caso de heterossexuais. Existe um processo de conhecimento anterior ao amor e a amizade, que é o momento onde você está identificando com detalhes a nota da outra pessoa, tanto para saber o que você não sabe, quanto para comprovar se aquilo que o agente diz e mostra ser é de fato o que existe. A este processo chamamos de respeito. O respeito é o momento onde você ainda não sabe o que esperar, o que te obriga a tomar uma primeira posição neutra, embora na maioria dos casos os sinais mais evidentes sejam quase instantâneos, já te permitindo fazer um primeiro julgamento que exclui do seu campo de análise a maioria dos candidatos, ou seja, os visivelmente inferiores ou superiores a você. O respeito, ou seja, está fase de conhecimento, é uma espécie de pente fino nos símbolos do pretendente para conferir sua identidade, e pode ser muito rápido (extrovertido) ou mais demorado (Timidez). É claro, quanto mais rápido ele for maior é a chance de você se enganar e constatar durante um eventual namoro, por exemplo, – e nos casos mais graves durante o casamento! – que o agente não era exatamente o que você esperava.

Deste modo, gaste algum tempo para conhecer seu pretendente, mas sempre saiba que é impossível prever com exatidão sua nota, não importando quanto tempo seja perdido neste fim. Algumas pessoas perdem tanto tempo no processo de conhecimento que acabam deixando escapar seu objeto de desejo. Assim, você estará sempre a mercê do seu erro de aferição, sem dizer que os pretendentes podem mudar sua energia por qualquer circunstância da vida, assim como você. Tenha a coragem de apostar no desconhecido!

Outro problema reside no fato dos pretendentes tentarem instintivamente ofuscar e esconder justamente aqueles símbolos que derrubam mais sua nota e que acreditam serem os pontos fracos da sua energia simbólica, fazendo crer que eles são mais perfeitos do que realmente são. Todos são tão perfeitos nos primeiros encontros! Eles escondem uma ver-

ruça, passam maquiagem, fingem-se bem sucedidos, alugam o carro e dizem que é deles, vestem a melhor roupa que têm, enfim. As estratégias são as mais bisonhas, mas é isto aí, este é o ser humano. A mente das pessoas, como estratégia de preservação e auto-sustentação, é responsável por estas tentativas de fantasiar sua energia simbólica para fazer aumentar a crença em torno da sua maior valorização no mercado do amor.

No período de conhecimento os pretendentes a namorados tentam ao máximo enxergar as semelhanças que tem entre si para buscarem o equilíbrio da relação de poder onde possa faltar, no caso desta falta ser tolerável e não provocar o rompimento da relação de respeito, descambando para o ódio e a indiferença. Assim, se eu, nota 5, encontro no mundo uma nota 9, logo desisto porque sei que não vou conseguir, assim como se encontrar uma nota 2 não vou nutrir qualquer interesse por ela. Porém se eu encontro uma nota 6, tendo a me desdobrar para, com muito esforço, me identificar com ela (isto significa, me transformar também num 6, ou no mínimo adquirir a aparência de um) para que ela possa reparar em mim. Também a 6, que, como todos nós, tem medo de ficar sozinha, tende a tolerar o 5 e tentar se aproximar dele, embora o esforço que ela faça pra isso seja bem menor, porque sabe que vale mais.

Quem tende a se esforçar mais neste processo é a parte inferior, ou seja, aquela que tem um pouco menos de valor que a outra. Então eu, nota 5, farei de tudo para adotar critérios que permitam subir minha nota, e farei isto indo de encontro aos próprios critérios da nota 6, que irá de encontro aos meus: agente faz isto quando começa a se interessar pelos interesses do pretendente. Assim se o que determina o meu 5 são umas gordurinhas a mais e a nota 6 da pessoa que me interessa está apoiada na ida à academia três vezes na semana para melhorar a nota estética, a tendência é que eu vá a academia para eliminar a diferença. Por isto os pretendentes sempre se esforçam para descobrir as atividades um dos outros. É uma maneira não só de conhecer os sinais como também melhorar os seus sinais.

O importante é dizer que neste processo de conhecimento nada garante que o resultado final será o namoro, tanto porque você pode acabar conhecendo no outro sinais que diminuam o valor deste outro, o que te fará perder interesse nele, ou mesmo porque pode identificar nele símbolos que subam muito a nota dele e o torne, como se diz, muita areia para seu caminhãozinho. Neste último caso você mesmo recuará porque perceberá que o seu valor é muito inferior ao dele, e, portanto se convencerá

que não compensa competir por que a chance de derrota é imensa. Assim, para não perder, você desiste e dá qualquer desculpa para si e para os outros sobre o resultado dos teus impulsos, de preferência uma justificativa que não faça derrubar mais ainda sua nota, como coisas do tipo “ele/ela não foi feito para mim”, “não deu liga”, ou qualquer outra desculpa que de uma sensação de que o “acaso” não permitiu o enamoramento.

Ainda sobre o processo de conhecimento, há uma estratégia curiosa e absolutamente compreensível. Alguns agentes, no mercado do amor, usam a tática de demonstrar o mais absoluto desinteresse pela parte que na verdade eles têm interesse. Esta ação é fácil de entender: A pessoa X, cuja nota ele sabe que é 5, conhece uma pessoa Y que vale um 7. X já percebeu que se for para a disputa de peito aberto vai perder, então o que ele faz? Age como se tivesse uma nota muito maior do que tem, e demonstra desinteresse para impedir que a Y conheça seus símbolos sociais e constate que ele é um mero 5. Desta forma a estratégia é colocar um ar de mistério em torno da sua nota para impedir que Y lhe conheça de perto, e assim quem sabe não convence Y a ficar com ele mesmo sem conhecê-lo, o que seria de fato a única chance de isto acontecer. Resumindo, porque algumas pessoas resolvem tratar aquelas que se apaixonaram com desinteresse, ou como dizem, resolvem “se fazer de difícil”? O desinteresse que um agente transmite para aquele que lhe interessa é, nestes casos, uma tentativa desesperada de boicotar o processo de conhecimento realizado pelo outro, colocando um ponto de interrogação na sua nota simbólica, podendo fazer com que ele atraia pessoas com notas muito maiores do que sua capacidade. O problema desta estratégia é que ela perde seu efeito no momento da conquista, quando um agente começa a conhecer de fato o outro. No entanto, para quem não teria qualquer chance, a oportunidade de passar alguns dias até que a outra parte perceba a malandragem pode ser recompensadora.

Poderíamos dar milhares de exemplos para confirmar as teses, mas deixo aos leitores o papel de provar a força da teoria na vida cotidiana de cada um. Examinem os casais de namorados que vocês conhecem! Examinem mesmo vocês! Examinem seus relacionamentos e procurem enxergar o equilíbrio de poder que dá causa ao amor e a amizade. O interessante deste jogo todo é que, como já devo ter comentado, as energias simbólicas dos agentes não são estáveis, elas oscilam de acordo com as condições práticas da vida, ou seja, de acordo com as condições e símbolos que adicionam ou subtraem energia destes agente, conforme eles conquistam ou

perdem estes símbolos. O agente arranja um bom emprego, aumento de poder, o agente é demitido, perda de poder; o agente termina uma faculdade de direito, aumento de poder, o agente é reprovado no exame da OAB, perda de poder; o agente ganha um troféu social qualquer, um prêmio dos seus pares, aumento de poder, o agente vê sua teoria social ser superada e reconhecida por seu campo como ultrapassada, perda de poder; o agente aparece na televisão para falar sobre sua especialidade, aumento de poder, o agente é preterido a outro do seu campo para representar a área em uma ação qualquer, perda de poder; o agente faz musculação, aumento de poder, o agente engorda 40 quilos, perda de poder; o agente faz um implante de cabelo, aumento de poder, o agente fica calvo, perda de poder. O agente compra um novo terno, aumento de poder, o agente é assaltado e perde seu carro, perda de poder; o agente aprende a falar inglês, aumento de poder, o agente fala sua desvalorizada língua na tabela dos valores dos idiomas, perda de poder...

Todo o tipo de conquistas e perdas no jogo são analisadas como aumento ou diminuição de poder, e conseqüentemente como elevação ou queda da energia simbólica do agente. A constatação é simples. Posto que a energia simbólica é o critério para o enamoramento, se ela esta sempre oscilando, oscila também sua paixão pelos agentes do mundo, o que torna aberrante a perspectiva de amor eterno. A única chance do amor ser eterno é se fosse eterno também o equilíbrio de poder entre os agentes. O problema é que os próprios agentes não buscam este equilíbrio, buscam sempre sua superação, buscam sempre o domínio sobre o outro, e buscam acima de tudo melhorar suas notas. Alguns conseguem, outros não, outros se desvalorizam. Além disso, o mundo é imprevisível, quase nunca percebemos quando uma grande derrota ou vitória vai nos alcançar. Então o equilíbrio passa a ser apenas uma circunstância, uma feliz coincidência, como o é também o verdadeiro amor e amizade; pois o que as pessoas fazem no resto do tempo é compreenderem-se, ato que já explicamos em algum ponto deste escrito. Os momentos de verdadeiro amor e amizade são raríssimos, e o fato de não termos esta completa noção é porque as pessoas admitiram definições para estas palavras totalmente românticas, mas que no fundo não definem nada.

O problema do equilíbrio ser eterno – e portanto o amor e a amizade serem eternos - reside não só no fato de os homens não quererem estar em equilíbrio – e agirem para isto – como também em supor que podemos controlar as condições materiais que mexem com nossa energia simbólica.

Pois é, não temos este controle. O mundo impõe a nós derrotas e vitórias onde o elemento vontade não participa, não apita, não decide. Nem mesmo aquelas decisões que aparentemente parecem escolhidas, como cortar ou não o cabelo, ir ou não à ginástica, fazer ou não dieta, são frutos de experiências passadas que determinam na pessoa aquelas escolhas. O fato é que sempre que as pessoas estão agindo elas tem ao seu lado fortes motivos para agir como agem. O impulso a estas atividades é determinado considerando um dado roteiro social daquele que pensa escolher, onde não simplesmente são decididos seus gostos e modos, mas antes de qualquer coisa são introjetadas as categorias e classificações de sociedade, com todas as nuances da vida particular de cada um e das experiências individuais que sentimos.

Sendo então a regra do mundo a mudança, e fazendo parte deste mundo o homem, concluímos que o homem se deixa afetar por esta mudança, o que provoca um aumento ou diminuição da quantidade de poder que ele tem. Estando o amor condicionado ao equilíbrio de poder (equilíbrio da energia simbólica), percebemos que o amor é tão frágil quanto a própria permanência do equilíbrio. Assim, se o amor muda a todo momento, qualquer tentativa de exigir dele uma permanência só pode causar sofrimento a todos aqueles que se forçam a esta empreitada.

Quando um casal de namorados que estava em equilíbrio de poder, portanto estavam apaixonado, perde este equilíbrio por qualquer motivo, seja por exemplo porque um deles perdeu o emprego, bateu o carro, se formou na faculdade ou ganhou na loteria, há dois caminhos para eles. Ou eles rompem o namoro e se preservam das brigas e dos conflitos, porque aquele que ficou mais forte tentará dominar o mais fraco e impor seus critérios a ele; ou o mais fraco aceita ser dominado pelo mais forte, e o que era uma relação entre amantes se transforma num tratamento chefe/empregado, senhor/escravo. Neste último caso agora a tirania, e não mais a empatia, estabelece-se como a norma da relação, e o dominante passa a definir a vida do dominado segundo critérios que, obviamente, são bons sobretudo para o dominante, não para o dominado.

Neste caso a harmonia e a felicidade dão lugar a tirania e a escravização (ou seja, como já explicado, a compreensão) que trará problemas a ambos: o escravizado tem que agüentar a opressão e aceita-se sujeitar ao seu senhor esperando ainda alguma vantagem da relação, ou pior, acreditando numa idéia perfeita, numa estátua que construiu do seu amante que, segundo ela, um dia aquele homem ou mulher que amei retornará com um

passa de mágica; o dominante satisfaz o seu desejo por poder, mas não usufrui mais da vida gostosa que tinha no momento de equilíbrio. A lógica então é esta: As relações de amor e amizade serão tanto mais harmônicas e felizes para ambos quanto maior for o equilíbrio de poder entre ambos.

Este é realmente um grande problema principalmente das relações amorosas. O equilíbrio de poder é causa do início do namoro, porque é causa da paixão, mas não necessariamente é a causa da sua duração. A duração depende sobretudo da manutenção daquele equilíbrio, mas o que acontece é que em muitos casos quando este equilíbrio se rompe, o casal, principalmente a parte mais fraca, quer continuar enxergando ainda aquela antiga harmonia na relação, e quer encarar seu parceiro como se ainda fosse aquele dos tempos de equilíbrio, quando tudo eram flores. Aos poucos a parte mais fraca passa a idealizar o parceiro e viver esta idéia, escapando do mundo. O parceiro passa a maltratar, a esmagar, porque não tem motivo nenhum para ser diferente, mas mesmo assim o esmagado insiste em querer tratar os problemas como casos isolados e sempre de fácil ajustamento, sempre dependentes apenas de uma boa conversa. A conversa, a discussão, a briga, a argumentação, seja ela qual for, é apenas o fenômeno – se preferirem, a ponta do iceberg - das lutas simbólicas que acontecem entre os casais de namorados ou amigos no ringue onde se colocam suas energias simbólicas, é apenas a tentativa de restabelecer novas bases dado que o equilíbrio de forças mudou. Quer saber o que eu vejo por trás de toda a discussão/briga entre dois amigos e namorados? Esta discussão: “quando nos conhecemos nossas energias estavam em equilíbrio. Mas agora eu sou mais forte que você e exijo dominá-lo na medida da minha força. Você concorda ou se rebela?” Este é o princípio por trás de toda a desavença entre namorados ou amigos, que pode levá-los a uma revisão da distribuição de forças mantendo a relação ou a um rompimento, isto tudo porque todos nós, sem exceção, não abrimos mão de escravizar todos aqueles que podemos, quando podemos.

O fato é que muitos atores insistem em tentar prosseguir em uma relação que não pode ser feliz, e muitas vezes por medo de ficarem sozinhos preferem mantê-las mesmo sofrendo, a tentar buscar algo novo no mundo. Agentes como estes são os que menos confiam em si mesmos, porque se apegam aos seus senhores por vantagens tão pequenas e limitantes e não têm a coragem ou a confiança de voltar ao mercado do amor e encontrar algo novo na prateleira. Portanto se há a chance de existir felicidade no amor e na amizade é cuidando de si, sendo egoísta, antes de buscar se relacionar

com outro. A chance de aproveitar de relações e experiências felizes neste palco esta em garantir que sempre terá a coragem para manter sua autonomia de decidir quando terminar e quando começar um novo jogo, e sobretudo ter a sabedoria para entender que não vale a pena insistir em algo que visivelmente não está se encaixando. Não que amores antigos não podem voltar, mas é que a partir do momento em que o equilíbrio simbólico se desfaz, a chance de apaixonar-se pela mesma pessoa é igual a chance de fazê-lo por qualquer outra, e como você se apaixonou por um número de pessoas bem menor do que aquelas as quais você não se apaixonou, a chance de você se apaixonar pela mesma pessoa duas vezes é remotíssima. Assim, insistir em um desequilíbrio é correr um risco enorme de perder uma parte de sua vida em algo que só te trará dor, sofrimento e angústia.

Ainda, falta-nos explicar uma ação aparentemente paradoxal quando olhada através dos olhos ingênuos do conceito de amizade ou amor da maioria, mas perfeitamente explicável: O boicote e o resgate. O boicote é o ato de tentar derrubar propositadamente a energia simbólica do seu amigo ou amante como uma medida desesperada diante do seu crescimento, quando o que se busca é retornar ao equilíbrio anterior. Vulgarmente esta técnica é a famosa história do caranguejo no balde: quando um tenta sair, os outros o puxam de volta para mantê-lo na merda. Temendo perder seu amigo por perceber que sua valorização trará desequilíbrio a relação, o agente se convencerá, sempre “para o próprio bem do amigo”, que deve tomar atitudes que no fundo impeçam o crescimento do seu poder, ou seja, evitam que ele “saia do balde”, seja lá qual for o seu balde. Quando alguém começa a se dar bem, seus amigos sentem-se pressionados a crescer também, e quando não conseguem buscam puxar de volta o amigo pra baixo. Tudo isto, é claro, filtrado por uma meia dúzia de discursos hipócritas e vestes filantrópicas que façam esconder o fato do caranguejo puxador ser de fato um canalha. Mas não fique triste, nem tudo são lágrimas. O contrário, também acontece, o resgate: quando alguém vê crescer sua nota ele também busca dar a mão para puxar seus amigos, mas de forma bastante limitada. A disposição que ele tem para manter seu braço estendido é bastante restrita, e se o amigo não estiver com uma nota bastante próxima que a dele, será descartado passando a ser tratado com a mais absoluta indiferença, como já dito.

Alguns dizem que nos apaixonamos ou ficamos amigos de pessoas que tem iguais hábitos ou interesses que nós. Outros dizem que “os contrários se atraem”. Então nos apaixonamos pelas semelhanças ou pelas diferenças? Se você preferir, nos apaixonamos quando o objeto da paixão nos completa, suprimindo nossas lacunas, como a outra metade de uma laranja? Ou nos apaixonamos pelo que tem os mesmos gostos que nós? Minha resposta é: nos apaixonamos quando sentimos que o alvo do nosso amor está autorizado para nos dar algo que sozinho não podemos ter.

Vamos primeiro àquilo que já definimos. Dissemos que existem três reações que temos diante das pessoas, sem contar a etapa transitória do respeito. Quando olhamos para alguém que não nos interessa somos indiferentes; quando olhamos para alguém que nos interessa, mas este alguém não se interessa por nós temos o ódio; quando olhamos para alguém que nos interessa e este também se interessa por nós, temos amor. Ora, quando me interessa alguém, isto significa que este alguém completa uma parte do meu ser, porque como seres incompletos, nada mais natural que saíamos pelo mundo procurando por aqueles que preenchem os vazios existenciais de cada um. Cada um de nós, com nossas existências particulares, ao mesmo tempo compartilhamos uma mesma estrutura de pensamento da sociedade, pois confiamos nos valores que ela nos ensina a respeitar, e, dadas as experiências particulares, temos nossas necessidades mais ou menos atendidas pelos nossos outros círculos de convivência (família, outros amigos...), procurando no mundo aquilo no que ainda somos carentes.

Isto tudo foi exposto ainda nas primeiras linhas deste trabalho. Depois introduzi nesta reflexão um elemento novo: o amor e a amizade é o resultado de uma relação equilibrada de poder, isto é, das duas energias simbólicas que se encontram. Então ficamos assim: todos nós procuramos no mundo por pessoas que possam preencher nossas lacunas, mas quando fazemos isto não consideramos o conjunto da sociedade, apenas aquele pequeno grupo de pessoas cuja energia simbólica é parecida conosco, por um motivo bem simples. Se é certo que vamos procurar alguém que possa suprir nossas necessidades, também é certo que procuraremos aqueles

que consideramos os melhores para tal, como quando alguém tem um problema no encanamento vai querer o melhor encanador, ou como quando alguém precisa de uma cirurgia vai procurar o melhor médico. Então um de nossos impulsos nos conduz a procurar o que há de melhor na sociedade para preencher nossa carência.

No entanto, quando formos buscar o melhor possível no mercado social, vamos perceber uma coisa: não somos os únicos. Como nós, todos os outros humanos resolveram fazer o mesmo, de modo que o melhor não está disponível para todos. Diante disso, só há uma saída: temos que lutar pelo melhor. É neste momento que nosso inconsciente se da conta que cada um de nós tem um valor, porque perdemos algumas batalhas, ganhamos outras, conquistamos alguns objetos, perdemos outros, e aos poucos, através daquilo que conseguimos e principalmente do que não conseguimos obter, vamos descobrindo quanto nós valemos na medida em que percebemos como o mundo funciona, como o jogo acontece na prática. Em geral é neste momento que alguns perdem as esperanças ou se desiludem com a vida, ou até mesmo constroem seus próprios paraísos em todas as partes e vão morar neles (Éden, Nirvana, Mundo das idéias, Reino dos céus, Comunismo, Cosmos, Sociedades sem opressão, etc.). Mas não há lugar para pânico. Louvemos o mundo que é!

Deixarei para outra oportunidade uma descrição mais aprofundada de como este valor é construído, porque não me interessa este exame por aqui. Só me interessa terminar esta argumentação. Quando nos damos conta das nossas necessidades e corremos ao mundo para buscar o melhor, o mundo nos diz: “Não! Este não é para seu bico. Este é bom demais para você. Vê se te enxerga, e se contente com aquele.” Ou seja, por um lado queremos o melhor, por outro o melhor já foi conquistado por alguém que é melhor que nós. Então o que nos sobra? Aquilo que está ao nosso alcance: o que esta no nosso nível, ou um pouquinho mais valioso que nós. E como ninguém gosta de, dia e noite, ser lembrado pelo mundo do fato de ser um bosta, um fraco, um medíocre, então para não termos que ouvir isto toda hora já aprendemos rápido qual nosso lugar e daí pra frente não mais tentamos conquistar aquilo que não esta a nossa altura. É por isto que disse: nos apaixonamos quando alguém pode nos completar, mas sobretudo quando nos sentimos autorizados para desejar aquele alguém. E quando nos sentimos autorizados? Quando sua energia simbólica é semelhante em valor à minha, quando há equilíbrio de poder.

E por fim, o que significa “me completar”? Significa sobretudo isto: dar-me algo que eu nunca poderia ter sozinho. Então, quando eu falo em

“suprir carências”, existem dois sentidos compreendidos nesta proposta. Existem coisas que eu poderia conseguir sozinho, mas busco no outro. E existem coisas que eu nunca poderia conseguir sozinho, por melhor que fosse, porque são feitas a dois. É principalmente por estas - mas não só por estas - que precisamos afirmar que somos todos carentes e buscamos o que não temos, mas buscamos fazer o que só pode ser feito a dois com aquele que é mais parecido que agente no que se refere ao equilíbrio da energia simbólica.

Todos somos incompletos em algum sentido. Mas alguns sabem que são incompletos porque algumas atividades humanas só podem ser feitas a dois, e por isto procurarão alguém com hábitos e pensamentos parecidos para conviverem o melhor possível; outros pensam ser incompletos em coisas que poderiam ser satisfeitas por eles mesmos, e assim procuram o que chamaríamos de opostos, que na verdade não o são. Assim, ambos os tipos de casais estão, e é só por isto que são casais, em equilíbrio simbólico, como já mostrei. Mas no primeiro caso o equilíbrio se dá porque os gêneros de sinais (estética, bens, prestígio e cultura) também estão em equilíbrio, o que torna a relação muito mais amistosa, compreensível e feliz. Já no segundo caso a marca da relação é a compensação entre os gêneros (a troca de riqueza e/ou fama pros homens por beleza pras mulheres é o mais comum), o que traz uma certa harmonia, claro, mas muito mais conflituosa e, por assim dizer, desconfiada, porque de fato quem ama assim não confia plenamente no outro, porque não sabe o que ele é, embora estejam em equilíbrio de poder. É que seu poder se baseia em gêneros diferentes, assim os amantes não se conhecem plenamente.

Quanto mais uma pessoa não gosta do que é, mais tende a se apaixonar por causa das carências que poderiam ser conseguidas por ela mesma sem ajuda do outro e apaixonar-se por outros que também pensam assim, porque ambos não se sentem felizes com o que são. Duvidando de sua capacidade, pensam poder encontrar aquilo que não têm em outro, ignorando que poderiam correr atrás destas coisas e serem independentes disto. Não fazendo isto, sofrem por ter que conviver com alguém que não tenha os mesmos hábitos que os dela. Nestes casos o equilíbrio de poder acontecerá por compensação, como afirmamos acima, mas esta relação será marcada por uma espécie de acordo “arco e flecha”, onde ambas não se entendem, não confiam plenamente um no outro, mas sabem que não existem sem o outro. O arco se incomoda muito de servir como lançador, a flecha se sente usada para os propósitos do arco, mas ambos não admi-

tem que poderiam viver um sem o outro, o que é muito grave e limitante. Quer amar bem? Admita plenamente que você pode viver sem o outro, embora não seja o ideal. Se você conseguir conviver com a sua solidão, ou no mínimo, como diz Marco Aurélio, aprender a se refugiar no mais seguro dos refúgios, sua própria alma, então finalmente estará pronto para aproveitar o que de melhor pode existir numa relação a dois.

Assim, quanto mais a pessoa ame o que ela é sem obscurecer suas incompletudes, mas gostando do que se tornou, maior é a tendência dela se apaixonar não por aquilo que vê no outro e que poderia conseguir sozinha, mas por aquilo que somente pode ser feito a dois. Neste caso ela procurará não somente o equilíbrio de poder, vital para qualquer amor ou amizade, mas também o equilíbrio entre os gêneros de poder, encontrando alguém que seja bem mais parecido que ela, reduzindo, portanto, os motivos para o confronto. Isto provocará inclusive uma alta do que as pessoas chamam de auto-estima, isto é, a crença na sua força, na sua energia, o que provoca um aumento dela própria. Ou seja, quando acredito que tenho valor, meu valor sobe, desde que, claro, esta crença seja minimamente coerente com o que de fato sou, até porque por mais que eu, Leonardo, acredite ser tão belo quanto Brad Pitt, isto nunca me tornará de fato tão belo quanto ele. Mas se eu acreditar que de fato o que sou é belo, independente do que o mundo me diga, isto já é um bom começo, porque a construção do valor dos sinais – já que Brad Pitt não é belo em si – tem haver com o fato do agente defender o que é aproveitando-se do poder que tem de ser ouvido e fazer acreditar na verdade.

Desta maneira, no primeiro grupo, aquele do “arco e flecha”, há uma tendência a indivíduos calmos, quando não amam sua calma e desejando ser diferentes, passam a procurar no mundo parceiros mais agitados e se apaixonam por esta característica como se fosse um próprio prolongamento do seu próprio corpo. Por isto eles se apegam demais a seus amantes, não admitindo a possibilidade de perdê-los. Da mesma forma pessoas agitadas tendem a amar a calma que encontram nos parceiros, embora tanto um quanto outro possam criticar constantemente estes atributos sem perceberem que o que os faz apaixonados é justamente o fato do parceiro ser assim. Ainda na mesma modalidade de amor, indivíduos mais pensativos e reflexivos, ensinados a reprimir suas emoções, tendem a se encantar por pessoas mais emocionais e espontâneas, quando não se satisfazem com seus predicados. Agrava este quadro o fato de as socializações imporem as pessoas de mesmas características psico-

lógicas a convivência conjunta, porque estes agentes tendem a freqüentar os mesmos espaços junto com outros iguais a eles. Se estes “iguais” não amam a si mesmos antes de tudo e não deixarem de lado aquele “amor por compensação de gêneros”, o relacionamento pode ser muito tortuoso para ambas as partes, porque elas querem do outro o que lhes falta e que o outro não é capaz de dar, porque não tem.

Já as pessoas do segundo grupo tendem a ser mais independentes, porque alegrando-se com o que são, buscarão no mundo somente aqueles que podem suprir aquelas carências que de qualquer forma precisaria de mais alguém para serem supridas. Elas tendem, então, a serem mais seletivas, e assim escolhem melhor. E escolher melhor significa isto: não se colocar nos braços de um idiota qualquer apenas por causa de um impulso momentâneo. Enquanto as pessoas do primeiro grupo são aquelas que, nota 5, contentam-se com um nota 4 apenas para que não fiquem sozinhas, no segundo grupo os indivíduos estão sempre buscando um nota 6, o melhor que podem conseguir. Acho que a maioria de nós já tiveram esta dupla experiência para saber a diferença entre os dois. Muitas vezes nos colocamos nos braços de amigos e amantes que nunca poderão representar de fato aquela que é nossa capacidade, apenas por pena e covardia de romper uma relação e suportar a solidão. Quantas pessoas não admitem viver mal acompanhadas ao invés de só? E quantos e quantas canalhas teríamos evitado se soubéssemos dar mais valor a nós mesmos, sem a esse respeito fazer concessões em demasia?

As pessoas do primeiro grupo podem até ser mais apaixonadas pelos seus amantes, porque precisam mais deles; mas as pessoas do segundo grupo são apaixonadas antes de mais nada por si mesmas, o que dá a elas uma vantagem incrível na hora de aproveitar tudo o que pode ser feito somente a dois, visto que se preocupam também com o próprio bem estar. O sexo, por exemplo, é algo que só podemos fazer a dois, ou no mínimo com mais de um: três, quatro, cinco... Mas o ponto é esse: se você está no primeiro grupo, qual vai ser a independência afetiva que você vai ter pra se preocupar com o seu prazer, ao invés de ficar a todo o momento tentando agradar o outro? A todo momento você tentará se transformar naquilo que não é, abandonando o real, abandonando portanto a chance de aproveitar o que está na sua frente. Ao contrário, aquele que gosta de si, mais independente afetivamente, preocupa-se em alegrar-se, confiante de que o outro também tem esta preocupação. Não estou dizendo que ambos não se preocupam um com o outro, estou dizendo que ambos confiam a

um e outro a chance de decidirem o melhor possível para eles: eu posso me preocupar comigo mesmo, com meu orgasmo, porque sei que o outro estará fazendo o mesmo e não nos condenaremos por isto. Ah, como é bom o retorno a nossa íntima natureza!

E, como é fantástica e aparentemente incoerente nossa natureza: As relações do primeiro grupo tendem a ser mais duradouras, embora mais conflituosas, do que as do segundo time. Este tipo primeiro tipo de relação tem maiores chances de se perpetuar no tempo, porque existe uma empatia baseada na dependência estrita entre os dois, de modo que ambos terão sempre muito a perder quando separarem-se. Em compensação o amor entre duas pessoas que amam sobretudo aquilo que podem conseguir juntas tem como base estrita a felicidade e o prazer que podem ter quando convivem juntas, mas por isto mesmo elas aceitam facilmente que possam encontrar isto em outras pessoas que da mesma forma sintam-se autorizadas a amar, enquanto no primeiro grupo predomina o pensamento de que se a relação terminar, terminou também a vida. A separação para as pessoas do primeiro grupo sempre será algo mais traumático do que para o segundo: e por isto mesmo, mais difícil de acontecer. Quando alguém que se ama percebe que seu parceiro quer a separação ele não fará grande esforço para que isto não aconteça e também não desperdiçará um rio de lágrimas por isto, já que tem grande confiança em si mesmo, ou seja, confia na sua capacidade de suportar a crueza da vida sozinho, embora reconheça que o melhor é fazê-lo com outro, desde que este outro tenha a qualidade que ele acha que vale. No segundo grupo há mais felicidade e menor duração, pois no primeiro em diversas ocasiões a duração da relação se faz à custa da escravidão de um pelo outro, e vice-versa.

Apenas deixo claro que estes dois tipos de carência com todas estas repercussões e outras que não coloquei neste texto são criações ideais feitas aqui apenas para facilitar a compreensão das variáveis. No mundo os amantes são um misto destas duas tendências variando para mais ou menos em alguma delas, assim também como as energias simbólicas nunca estão distribuídas pelos seus gêneros de uma maneira igual, mas sim cada um tem um determinado arranjo e, amando obrigatoriamente por causa do equilíbrio das energias, a maneira como vão conviver tem haver com a maneira como estas energias em equilíbrio estão arranjadas em um e outro amante. A forma como o poder esta organizado em um e outro integrante do casal, seja de amigos ou de amantes, determina qual é a maneira como eles vão conviver. Se o equilíbrio acontecer inclusive

entre os gêneros que define o poder dos agentes, ela será a melhor possível. Na medida em que o equilíbrio acontecer mais e mais por compensação de gêneros, mais conflituosa e desconfiada será a convivência, mas mais necessária, duradoura e complementar ela será, porque mais os agentes sentirão que não podem viver sem o outro.

O sexo foi condenado pelos esteticamente fracos, que conseguiram convencer a maioria a não darem tanto valor às aparências. Foi assim que aumentaram mais ainda seu poder e influência, dando menos valor ao gênero estético, justamente onde morava sua fragilidade. Sendo feios, é extremamente conveniente para eles condenarem o apego que as pessoas têm à carne. Esta foi uma das grandes e mais vitoriosas estratégias de definição de um símbolo, no caso o da atividade sexual: “Como sou feio e estou no poder, digo que toda a aparência é descartável e condeno aquele que entregar-se aos apelos do corpo. Então, ainda hoje, a maioria daqueles que condenam a prática sexual são fracos, quando postos diante da escala de valores estéticos da sociedade. E se não podem proibir, eles buscam colocar regras, erigir uma cartilha de normas que limite a coisa. Pare pra pensar: quem foi o primeiro idiota que falou em casamento, você pode imaginar? Será que foi o comedor do pedaço? Será que foi o garanhão, o conquistador do bairro? Ou foi o babaca, o feio, que não conquistava ninguém? É claro que este artifício social foi feito pelo fraco, que não tinha a menor condição de competir se não houvesse regras que o protegessem.

O sexo sempre foi condenado por aqueles mesmos que condenaram a natureza humana à impureza que eles mesmos criaram, depois de fabricarem o puro e definirem segundo seus conceitos da verdade. O sexo é o momento mais sublime da nossa natureza, por isto é sempre escolhido como o símbolo do proibido para instituições sociais que negam a vida, negando a nossa essência. Elas negam a vida, e escolhem o sexo como símbolo supremo da vida. Por isto negam o sexo. Negam o corpo porque enxergam um além corpo... ou enxergam um além corpo porque negam o corpo? Ou negam o corpo porque têm medo dele? O fato é que o emblema mágico escrito “não morda” ganhou tal aura que ainda hoje sentimos o cheiro do misticismo que gira em torno deste assunto. E como há aqueles que ainda tratam este acontecimento com um sedutor brincar com o diabo, definindo a si próprios como porta-vozes do divino?

Ora o sexo é a maior expressão da nossa animalidade. É a forma como provamos da nossa essência e sentimos como é bom. “Como é bom des-

cobrir que ainda somos humanos”. O momento máximo é o orgasmo, porque esta é a reação que mais nos aproxima daquilo que sempre buscamos: a vontade de ser eternos. O orgasmo é o símbolo máximo da corrida do homem pela imortalidade. E realmente nos eternizamos nele, por alguns segundos. Por alguns instantes somos realmente os únicos no universo. Esta é a capacidade que o orgasmo tem de nos tirar da terra e do tempo, de fingir que não somos o mundo, de fingir que não há mais nada além do eu. Ele é o momento de maior egoísmo do nosso ser, de maior aproximação com a substância humana, os segundos que esquecemos inclusive do parceiro que está conosco. O sexo é o esquecimento da morte. O sexo é a verdadeira experiência da pureza humana: quem quer que diga que entende o que é o ser humano e não entende o que é o sexo ou foge dele, não entende coisa alguma.

É claro que há setores que não gostam do sexo. É claro que há instituições que declararam guerra ao sexo, como declararam contra o mundo, como declararam contra o corpo, como declararam a tudo o que faz a vida extraordinária. Ora, quem poderia culpá-las? Cada um sobrevive do jeito que dá. Temos que aplaudi-las, sim, por terem tanto êxito em convencer bilhões a negar a vida. Ou tal vez sejam estes bilhões todos feios? Quem sabe... Fato é que as igrejas são campeãs nisso, mas não são as únicas. Podemos agradecer a Sócrates, a Agostinho e a todo este bando de crentes ressentidos pelo terror que embutiram na cabeça de alguns tristes em relação ao sexo. Ora, se o sexo é um flerte com o demônio, então que se dane tudo, quero flertar com o demônio!

O problema é bem este: quem são aqueles que falam contra o sexo? Quem são os que querem controlá-lo? Quem são os que querem regra-lo, normatizá-lo? Quem são os cristãos, os platônicos? Não são os fracos? Claro que são! Não são os feios, como dizia Nietzsche? Claro que são! São os pobres de espírito, os ranzinzas, os que vivem a apontar dedos e disciplinar condutas, os que não sentem prazer com a existência, os que não chamam a atenção de ninguém, os que não tem talento, os que não são nada. São os alegradores das gentes, os artistas que gostam do sexo, os homens que vivem da emoção, do impulso, da energia de vida. São estes que fazer a vida ficar interessante, contagiante. E ai aparecem meia dúzia de fracos, feios – porque 95% dos cristãos são feios, por isto são cristãos... eu diria até que a ortodoxia do cristão será tanto mais rigorosa quanto menor poder ele tiver no mundo, notadamente o poder estético - , deformados, desprestigiados, homens e mulheres que sempre foram escravos

por onde passaram, nunca tiveram a oportunidade de mandar em coisa nenhuma, agora vem querer imputar um controle sexual sobre todos nós? Querem impor seus ideais negadores da vida e do sexo? Que se fodam estes valores! Temos que destruir este critério negador do sexo, de uma vez por todas! É claro que eles acreditam nisto, são tão fracos que mal conseguem saborear o sexo, alias não conseguem nem encontrar parceiros que suportem sua feiura, e quando encontram é alguém tão feio quanto eles! Por isto não gostam do sexo, porque sabem que se todos disputarem livremente não sobrar nada para estes chefes da tristeza e da covardia. Como são fracos, como são feios, eles criam regras para submeter os outros a seus critérios, e assim quem sabe terão alguma chance de ganhar. Quem sabe sobrar-lhes-ão alguma migalha no final da janta.

E quando digo cristãos, estou apenas usando uma metáfora, porque a rigor existem milhares de cristianismos por ai. Como identificá-los? Todo negador precisa construir uma transcendência para fugir a ela. Tantos são os paraísos, édens, nirvanas, tártaros, mundo das idéias, cidade de Deus, sem esquecer-nos, claro, das religiões modernas, o comunismo, a sociedade perfeita, o positivismo, etc... Afinal de contas, vá a sede do partido comunista e veja se ali estão os indivíduos mais belos da sociedade. São tão feios quanto os que estão na igreja ao lado. A estrutura de pensamento é a mesma. Tudo isto o que é? É o culto de um além-mundo que nunca chegará como um bom pretexto para escapar do mundo, de preferência quando ele está te ferrando. Só os ferrados e fudidos vão a igreja ou viram comunistas. Quem esta se dando bem adora o “sistema”. E é só por isto que ao conversarmos com um legítimo comunista tem se a impressão de ter adentrado numa realidade paralela. No fundo o comunista é o sujeito que não é tão burro para entrar em uma igreja, mas ainda é burro o suficiente para acreditar na salvação revolucionária. Ambos são feios porque compartilham algo em comum: o ódio ao mundo que vivem, simplesmente porque neste mundo eles não apitam nada, não mandam em nada, não tem chance de lutar pelos grandes e recompensadores espaços sociais... em suma, são uns merdas. Então eles tapeiam este mundo negando tudo o que a ele pertença, e criam outro mundo, uma existência virtual e paralela, onde serão os patrões e explorarão todo o resto com seus modos de vida. E não é que muitas vezes eles conseguem materializar o mundo virtual e submeter todos nós a suas idiossincrasias?

Mas nós, verdadeiros amantes, não podemos cair nesta armadilha. Não podemos querer colocar amarras em uma das expressões mais pra-

zerosas que os homens e as mulheres podem sentir. Imaginem que no mundo contemporâneo até a medicina já está querendo colocar as mãos sobre o sexo. Parece que até já categorizaram e ofereceram um produto para aquilo que chamaram de compulsão, ou seja, para as pessoas transarem menos. Eita bando de tristes, bando de escoteiros! Outra: outro dia descobri que em Portugal as mulheres brasileiras tem a fama de serem muito desinibidas. Que coisa maravilhosa, nem tudo está perdido! Que bom seria saber que nosso povo ensinou novamente a humanidade a adorar o sexo.

Nós, homens e mulheres que queremos apenas viver bem, não podemos aceitar aqueles que ainda querem podar o ser humano, cortando aquilo que é mais apaixonante na sua natureza. Se alguns agentes sempre foram desprezados ao longo da vida, e portanto despertaram a repulsa a tudo aquilo que fosse o símbolo da vitalidade e da felicidade, não podemos aceitar que queiram impor a toda humanidade o seu fragmento de destino, onde reina o ódio ao mundo e ao corpo. E se eles personalizam seu ódio à vida e ao sexo, em uma palavra todo seu ressentimento, numa figura a que chamam de diabo, eu quero tomar um café com o diabo, porque ele deve ser muito mais interessante do que Deus.

O sexo é um acontecimento que aproxima tanto seus atores da essência da natureza humana que reproduz as lutas simbólicas que são travadas no inconsciente para o nível do discurso. No sexo há uma certa autorização temporária para que os agentes se tratem despidos da fumaça social que normalmente eles devem usar para suportarem suas relações cotidianas. Então, o momento do sexo é o momento onde os agentes se permitem falar livres de algumas barreiras sociais que eles mesmos impõem em seu relacionamento. É como se fosse uma autorização provisória para extravasar. Esta liberalização momentânea varia conforme duas principais variáveis: Primeiro, a proximidade do orgasmo, ou seja, a falta de pudor social dos agentes será tanto maior quanto mais excitados – envolvidos por seu próprio eu - eles estiverem; segundo, o grau de envolvimento que eles admitem experimentar, ou de outra forma, o pudor social dos agentes será tanto maior quanto mais eles aprenderam que o sexo não é um tabu, nem um pecado, e assim quanto mais eles se permitem sentir prazer e aproveitar aquela experiência como algo livre de credices e belo.

A proximidade que o sexo nos põe de nossa natureza é mostrada pela revelação da própria luta que existe no subterrâneo dos atores. Quando o envolvimento é grande, no sentido em que ambos os atores admitem o

sexo como natural, não lhe impõe barreiras sociais e se abrem às chances de felicidade, é possível observar a manifestação clara das lutas através da atitude violenta com que se tratam. Não é propriamente o sexo que torna o casal violento um com o outro, falando palavrões e muito mais. O casal já é violento, porque as relações humanas são violentas e conflituosas por si só. O que acontece é que naqueles que mais se permitem, mais se aproximam da nossa essência, mais se focam no próprio eu e descuidam-se dos filtros que foram aprendidos na vida em sociedade, e portanto mais se despojam das máscaras sociais que nos habituamos a vestir, mais esta luta emerge a superfície. Dai expõem a luta a céu aberto, e se acertam com isto. Não é preciso dizer que eles são os que também chegam ao orgasmo mais fácil e intensamente, porque estão mais livres de preocupações com o outro e da avaliação do seu próprio desempenho no ato.

Gostaria de introduzir aqui dois novos conceitos: a disposição que um indivíduo tem para agir no mundo é dividida em força de vida e força de morte. Vamos colocar as coisas como nos colocou certa vez Aristóteles: Existem coisas que valem por elas mesmas e coisas que valem por outras coisas. Às coisas que valem por elas mesmas estou chamando de força de vida e àquelas que valem por outras estou chamando de força de morte. Como assim valem por elas mesmas ou por outras? Ora, no mundo existem coisas cujo sentido de fazermos está nelas próprias, como por exemplo, para mim, ouvir uma música ou assistir um bom filme. Também existem coisas cujo sentido não está nelas, mas que tem sua razão de serem necessárias porque nos dão condições para fazer aquelas que valem por elas mesmas. São exemplos desta última, para muita gente, o trabalho ou a faculdade, visto que muitas pessoas não fazem estas duas atividades porque gostam, mas porque precisam, como instrumentos, para continuarem a fazer aquilo que gostam.

O homem pode usar de dois jeitos a força que ele tem para viver: pode usá-la como força de vida ou converter sua força de vida em força de morte. A força de vida é a liberdade para viver segundo nossos critérios de vida, é a liberdade para sermos felizes fazendo aquilo que queremos estar fazendo, porque é a única coisa que vale a pena, que vale em si. Ela é o ato de fazer algo cuja finalidade está em nós mesmos, se encerra em nós; enquanto a força de morte é o esforço que empregamos quando fazemos algo que, para nós, não vale por si só, mas cujo valor está na sua utilidade, na sua instrumentalidade, na serventia que esta coisa tem para outras coisas. A força de morte é a venda necessária de uma parte daquela nossa liberdade para que tenhamos condições práticas de exercitar nossa força de vida. Deste ponto de vista, a força de morte é útil e seu valor está na utilidade, e se não for assim não tem porque ser feita, já que ninguém deveria se sacrificar por algo que não vale por ele mesmo e ao mesmo tempo não chega a lugar algum. Em compensação a força de vida é completamente inútil, não serve pra nada, e seu valor esta justamente no fato de provocar alegria e prazer em quem nela aplica. Isto é fundamental: A

força de morte somente tem sentido enquanto inserida numa cadeia de utilidades que vai nos permitir aproveitar aquela parte de nós que não foi negociada e que permanece força de vida. Trabalhar para ganhar dinheiro é converter uma parte da nossa força de vida em força de morte, porque o dinheiro não é um fim, é um meio. Agora, quando depois de trabalhar pego este dinheiro, vou a loja e compro um CD de música que gosto, depois chego a minha casa e o ouso, isto é força de vida, porque para mim escutar música é uma atividade que basta nela mesma, mas ela não seria possível se eu não tivesse negociado outra parte de mim para ter acesso aos bens que me permitiram este momento.

Em suma, a força de vida é aquela parte da pessoa colocada a disposição para a experiência dos afetos que alegam a ela. É aquela que tem como fim a felicidade de quem a saboreia. É a resposta à pergunta “para que ser feliz?”, que reside no próprio indivíduo, e não fora dele. E esta resposta é a seguinte: o prazer e a felicidade são o esquecimento da morte, a amnésia quanto a minha condição mortal. Já a força de morte é aquela parte de mim que tenho que vender para o coletivo – para o que esta fora de mim - para que este me permita jogar os jogos e disputar os objetos e pessoas que podem me dar a chance de experimentar sensações que me levem à felicidade ou ao prazer. Eu poderia explorar estes conceitos de muitas formas, e certamente em outro texto eu farei isto, mas por enquanto contento-me em dizer o que toda esta exposição tem haver com o que nos importa aqui.

Entendido isto, ai vai o que nos interessa: todo o amor ou a amizade requer um aumento da força de morte daquele que o aceita para ser experimentado. Ou seja, toda forma de relacionamento implica uma certa submissão do indivíduo a critérios e práticas sociais impostas a ele para que consiga se relacionar com o outro. Isto significa que o amor e a amizade só podem acontecer se aqueles que se encontram concordarem em concordar em alguma coisa, o que implicar recuar a vontade de dominar tudo inerente a todos nós e fazer alguma concessão a critérios sociais. Em nome dos nossos relacionamentos no mundo, abrimos mão de uma parte das nossas opiniões - muitas vezes aquelas que sentimos que irão agredir o outro - , mais que isto, abrimos mão de uma parte do que somos para admitir o que a sociedade considera fundamental para que a convivência se torne possível. Todos nós temos critérios para viver. Pois bem, escolher levar uma amizade ou um amor a frente é escolher submeter uma parte destes critérios – e portanto submeter a condição de independência com

a qual conduzimos nossa vida – ao que o outro acha que devemos fazer. Falando de outra forma, se vivêssemos totalmente isolados poderíamos viver do jeito que quiséssemos, mas é por vivermos em comunidade que devemos abrir mão da opinião que temos sobre a melhor maneira de viver para adotar a resposta que o mundo social tem para esta pergunta. E porque temos que fazer isto? Primeiro porque nenhum de nós agüentaria a solidão absoluta, segundo e principal motivo porque a convivência nos é imposta: ou por acaso alguém, assim que nasceu, ouviu o médico perguntar: “você quer viver em sociedade ou viver numa ilha deserta?”

Assim, é neste ponto que aqueles conceitos nos importam. O que é a força de morte no amor e na amizade? É a quantidade de mim que eu topo abrir mão em nome da convivência, atendendo os critérios de vida do coletivo, não os meus, para ter mais amigos e amantes. A força de morte é a parcela do meu ser, do meu “eu”, que admito vender às verdades coletivas em troca de amigos e amores. E o que é a força de vida no amor e na amizade? É a quantidade de mim que eu reservo para obter aquilo que meus amigos e amores podem me proporcionar, tal seja: prazer e felicidade. É o quanto de mim eu guardo para usar com os amigos ou amantes que eu conquistei. E a parte do “eu” que mantenho intacto e indisponível para venda, reservado para ser feliz com amigos e amores. É o espaço de mim que reservo para aquele esforço inútil que será gasto com eles, porque esta é a razão pela qual os tenho, e esta é a finalidade em si de ter amigos e amantes: sentir prazer e felicidade. Ou seja, só pode se alegrar e sentir prazer com amigos e amantes aquele que os tem, e aquele que os tem é aquele que concordou em abrir mão da suas verdades e condutas próprias, e da vontade de impô-las pela força, para concordar com alguma verdade coletiva que possa ser compartilhada com o amigo ou amante. As verdades coletivas são o ponto de tangência entre dois amigos ou amantes.

A amizade e o amor exigem, para poderem existir, um grau de sacrifício a que eu estou disposto a aderir. Qual sacrifício? O sacrifício da minha liberdade, do meu jeito de viver. Para ter amigos e amantes eu preciso abrir mão de uma parte do que sou, para entrar em acordo com o outro. Eu preciso perder uma parte da liberdade que eu tenho de definir minha vida segundo minha própria cabeça para pensar em uma maneira de concordar em alguma coisa com o outro com quem eu quero a amizade ou o amor. Se vocês preferirem, a amizade e o amor estão relacionados com o grau de escravidão que você aceita submeter-se (força de morte), enquanto es-

pera que este sacrifício tenha algum benefício, tal seja, a oportunidade de viver alegrias e prazeres com os amigos que conquistei (força de vida).

E vocês me perguntam: qual a relevância de toda esta exposição. Ora, é a conclusão de que é preciso achar um equilíbrio na maneira como eu converto minha força de vida em força de morte. Em suma, por um lado muitas pessoas, na ânsia de ter muitos amigos e achando que isto pode garantir-lhes real felicidade, acabam vendendo-se tanto para o mundo, convertendo tanto de sua força de vida em força de morte, que perdem a identidade quando submetem tudo o que são a opinião que querem que as pessoas tenham delas. Na ânsia de quererem agradar todo mundo, perdem completamente a personalidade, não cultivam opiniões e critérios de vida próprios, submetendo sempre o que são ao que precisam ser para que os outros gostem delas. Perdem assim toda a sua independência e todo o controle que poderiam ter sobre sua vida. Também muita gente acaba se sacrificando demais para manter um estilo de vida que lhes permita ter a chance de conhecer pessoas muito acima da sua capacidade, e assim terminam não tendo tempo de curtir as pessoas que conseguiram conquistar. É o caso do sujeito que trabalha de manhã, de tarde, de noite num lugar que não gosta apenas para que tenha dinheiro para manter um modo de vida sofisticado para impressionar as pessoas. Ele, de fato, impressiona as pessoas, mas não tem nunca tempo para se alegrar com aquelas que impressionou, porque esta sempre trabalhando. Estes são péssimos exemplos de como se converte mal a força exagerando na conversão da força de morte, que acaba sufocando a força de vida, isto é, a chance de aproveitar o que foi conquistado com o sacrifício feito.

Por outro lado existem pessoas que dão tão pouca ênfase à força de morte que acabam tendo muito poucas condições práticas para arranjar amigos e amantes, tornando-se solitários. Estes não abrem mão, não aceitam concessões, não aceitam grandes sacrifícios e, engolidos pelo próprio orgulho, não aceitam submeter-se a critérios socialmente admitidos que permitiriam o convívio e o relacionamento com outras pessoas. Imaginem um caso simples. Alguém marca um encontro com outra pessoa em tal lugar, às 15h horas. Mas na hora de cumprir com o compromisso ele se atrasa e chega duas horas depois ao local. Ao ser questionado pela outra pessoa ele responde: “sou livre, chego a hora que quero porque vivo a minha vida do jeito que quero.” A pergunta é, quantos de nós topariamos continuar nos relacionando com alguém assim? A maioria não, creio. Então agora já é possível entender com clareza o que estou dizendo. Aquele in-

divíduo, se quiser cultivar relacionamentos, terá que submeter a sua liberdade de “viver a vida do jeito que quer” aos acordos coletivos estabelecidos. Outro exemplo. O camarada vai para um país estrangeiro, digamos a Inglaterra, e não sabe falar inglês. Ora, o Inglês, quer você queira ou não, é um critério coletivo local. Você quer que todos aprendam a falar a sua língua? Ou você terá que falar a deles? É claro que, se este cara quiser conviver, terá que submeter uma parte da sua força de vida convertendo-a em força de morte, isto é, terá que estudar para aprender inglês.

Então percebam. A sociedade tem suas regras, suas estruturas, suas instituições. Sabe qual é a função delas? Intermediar a convivência das pessoas. Entre você e os outros está a sociedade, construindo esta ponte, a ligação que vocês precisam para entenderem-se. Ela é justa? Não, e quer saber mais? Ela não dá a mínima para o modo como você acha que ela deveria ser. Assim amigão, quer você goste delas ou não, em algum momento você terá que decidir: quanto desta estrutura eu estou disposto a obedecer, aceitar, engolir, para ter amigos e ter os benefícios que eles me trazem. Quanto de você vai se curvar ao sistema? Aquele que aceita ser curvado por completo é o que poderia ser chamado de idiota padrão, mas não se engane: é capaz de você notar que este costuma ocupar as posições de maior poder na sociedade, por este mesmo motivo, por ser um idiota padrão. Aquele que, no outro extremo, não aceita ser curvado jamais, é excluído do jogo, seu orgulho o eleva tão alto que não consegue fazer concessões e viver com ninguém. Ninguém suporta seu jeito “excêntrico”. São brilhantes, pois são únicos, livres e diferente de tudo o que existe por aí, mas por isto mesmo são os menos ouvidos: tendo se dobrado pouco à estrutura social, pouco tem de convergência, de tangência, com os agentes do sistema, e assim são solitários. Acostumam-se com sua solidão, mas ao mesmo tempo dobram-se e desdobram-se pensando em meios de se reintegrarem.

Desta forma, não podemos negar que uma vida sem amigos e amantes é terrível, o que nos obriga a aceitarmos vender uma parte de nós para nos enquadrar no modo de vida coletivo, mas por outro lado cuidemos para não cair no outro excesso. A maior sabedoria humana na arte da convivência é a capacidade de considerar os amigos e amores que achamos importantes estarem conosco, e fazer o preciso, e somente o preciso, para que estes continuem do nosso lado. Ter muito claro quem você quer, mas acima de tudo aprender a fazer-se a seguinte pergunta: “todo o sacrifício que eu precisaria fazer para conquistar este alguém compensa com vistas

a felicidade que eu penso que este alguém pode me proporcionar?” E isto aceitando também o que já foi dito: tudo é transitório e estéril, portanto não tenhamos medo de perder, pois o mesmo vento que leva é o que traz.

São estas minhas preocupações ao usar a força de vida e a força de morte na amizade e no amor. Devemos considerar sempre duas coisas diante de alguém que queríamos que estivesse ao nosso lado: primeiro, será que eu realmente preciso daquela pessoa, ou em que medida aquela pessoa é capaz de me dar alegria e prazer na proporção que eu acho que mereço?; segundo, qual é o sacrifício que eu terei que fazer para conquistar aquela pessoa? Ou seja, quanto da minha vida eu admito perder cumprindo as exigências da companhia daquele alguém? Se você conseguir encontrar o equilíbrio nestas questões, aprenderá a lidar melhor com suas paixões. Se aquele ou aquela que você quer ao seu lado compensa o esforço desta conquista, vá em frente. Trilhe todo o caminho em busca das condições materiais e simbólicas que elevarão sua nota até o nível suficiente para a conquista. Agora, se a conquista for acompanhada de condições que você não pode admitir, não tenha medo de dizer “não”. Será uma decisão difícil, mas nada é mais nobre do que preservar uma parte de você. Não aceite aquilo que você não acha legítimo aceitar em um relacionamento. Não se dobre e aceite práticas que para ti são totalmente insultuosas. Não se deixe esmagar, a não ser que absolutamente valha a pena.

Outro ponto da nossa análise vai relacionar os conceitos de força de vida e força de morte com a energia simbólica. A relação é simples. Já falei aqui que o amor e a amizade brotam do equilíbrio simbólico entre duas pessoas, e isto já foi suficientemente explicado. O que basta dizermos é isto: a quantidade de força de morte que você terá que converter para conquistar alguém será tanto maior quanto maior for o abismo entre a sua energia simbólica e a energia simbólica daquele ou daquela que você quer conquistar, seja amigo, seja amante. Ou seja, uma pessoa nota 5, para tentar conquistar uma nota 8, terá que converter uma parte grandiosa da sua força de vida em força de morte para tentar forçar sua nota para cima e alcançar aquela nota 8. É por isto que o equilíbrio é a regra: porque de fato nenhum nota 5 estaria disposto a se sacrificar tanto para aumentar sua nota. Vou supor um exemplo mais prático: Pedrinho, nota 5, se encanta por Joaquina, nota 8. A nota de Joaquina se deve ao caráter estético, que Pedrinho infelizmente não tem. A única forma de acontecer amor entre os dois é se Pedrinho elevar sua nota a 8. Como ele pode fazer isto? Aumentando um dos elementos da sua energia simbólica, por exemplo, o quesito

poder de compra. Então Pedrinho passa a trabalhar alucinadamente (ou seja, passa a converter uma quantidade muito grande de força de vida em força de morte, visto que passa a gastar muito tempo em algo que não vale por si, mas valerá quando conquistar Joaquina) e consegue comprar um carro, boas roupas e uma casa própria, trabalhando de manha, de tarde e de noite, todos os dias. Suponhamos que a posse destes símbolos já o permita chegar ao 8. Surpresa! Pedrinho e Joaquina se apaixonam. Mas o drama de Pedrinho começa agora: para manter a conquista terá que continuar a trabalhar naquele ritmo, porque tudo o que ele conseguiu adquirir tem um custo de manutenção (seguro do carro, contas a pagar, novas roupas, além de agora roupas para Joaquina). E o que acontece? Pedrinho terá que se esforçar tanto para manter sua nota naquele nível que não poderá aproveitar a presença de Joaquina, porque nunca estará presente, porque sua força de vida foi quase completamente convertida. A conversão excessiva para força de morte asfixiou a força de vida. A única forma de Pedrinho sair desta é percebendo que não vale a pena ter uma amante se para isto tem que vender tanto de sua vida para a sociedade. A conquista não compensa. Bom, haveria também outra saída: se caso Joaquina piorasse bem, não é? Mas aí também Pedrinho poderia resolver largar Joaquina e continuar trabalhando para conquistar seu novo alvo que conheceu no escritório: Fabianinha, outra nota 8... mas isto é outra história.

O fundamental aqui acho que ficou bem colocado. Quanto maior a distância entre a energia simbólica de duas pessoas, mais aquela menos valiosa vai ter que se desdobrar para conquistá-la, se é isto que quer. Aqui reside o coração da discussão sobre quão longe você estaria disposto a ir por alguém, por seus amigos, por seus amantes. Cada um de nós foi educado, dadas as experiências que teve, a um limite maior ou menor de tolerância à conversão da força de vida em força de morte. De modo geral aqueles que mais admitem comprometer uma parte de si em instâncias sociais são mais abertos a amizades e amores, porque aceitam com maior facilidade recuarem sua vontade de viver a sua maneira em nome da convivência. Mas por isto também são menos livres, porque se obrigam a levar em conta o outro na hora de viver. Ser amigo ou amante de alguém significa considerá-lo como parte de suas decisões. Por outro lado os que mais prezam por sua liberdade dificilmente vendem uma grande parte deles próprios aos critérios sociais, mas por isto mesmo tem menos amigos, porque são mais seletivos. Por isto muitos dos grandes gênios, sempre perdidos ou ocupados em sua genialidade, nunca foram muito populares, pois

sempre se preocuparam muito com a liberdade que teriam para pensar de uma maneira totalmente livre das amarras do que a maioria acredita e precisa acreditar para continuar convivendo.

Há então na amizade e no amor este jogo. Liberdade versus convivência. E aqui a todo momento estamos fazendo a medição e verificando se as amizades estão valendo a venda da liberdade. Quando consideramos nosso amigo nas decisões concluímos que sua companhia nos traz uma recompensa maior que a liberdade que devemos abrir mão para tê-la. No entanto, a todo momento, também tomamos decisões sem considerar os amigos, pois as colocamos no espectro daquelas que não podem ser vendidas ou negociadas. E claro, o valor para nós do amigo é sempre o quanto ele é capaz de me fazer mudar de opinião. Assim, podemos medir o grau de uma amizade pelo número e importância das decisões em que consideramos este amigo como uma variável dos nossos problemas existenciais. Podes crer que quando alguém considera um amigo nas grandes questões da sua vida, este é para ele de fato importante. E qual é o sinal? “você vale a perda da minha liberdade”, eis o sinal.

Mas considerar não é simplesmente pensar em alguém na hora de tomar decisões. É incluí-lo como uma variável a ser compreendida no problema. Vejam, qual é a grande questão aqui? É esta: a felicidade que eu sinto convivendo com X e Y compensa o fato de abrir mão da liberdade decidir a própria vida do meu jeito em nome dos critérios sociais Z, W e J que me são exigidos para sua conquista e manutenção? Pensem num exemplo tolo, mas revelador. Um sujeito vive sozinho, o que lhe dá a condição de ir ao cinema a hora que bem entende. Um dia ele arruma uma amante ou um amigo e vai ao cinema com um dos dois, mas agora ele perdeu a liberdade que tinha antes. Agora ele precisa considerar sua companhia para marcar o horário do cinema, escolher o filme, escolher o local, etc. A pergunta que todos devemos fazer e transportar para nossas relações é esta: a felicidade que este fulano vai sentir com o amigo ou amante que o acompanhou compensou ou não o fato dele ter negociado sua liberdade? Isto é a força de vida na amizade: a felicidade que obtenho convivendo com o amigo. Esta é a força de morte na amizade: a venda da liberdade em nome daquela convivência.

Deste modo, o amor e a amizade exigem uma reorganização dos hábitos de vida em função da presença do amante ou do amigo que só será feita se a contrapartida, ou seja, a presença do outro, for compensadora, na medida exata da compensação que os agentes esperam, ou seja, no

equilíbrio exato de poder que foi a razão para o início do relacionamento. Se não for compensadora nesta medida haverá uma luta velada entre os amigos para definirem quem deles converterá mais força de morte para poder conviver com o outro. Claro, aquele que topa se esforçar mais para ver o outro é sempre o que mais precisa fazer isto, porque é o mais fraco ou o mais dependente. O forte não se esforça para encontrar o fraco.

Colocado desta maneira, a partir do momento em que o equilíbrio de poder (equilíbrio das energias simbólicas) que deu causa ao amor ou a amizade entre duas pessoas estiver rompido, apenas duas opções restam: Ou os amigos rompem a relação, rescindem o contrato; ou eles lutam entre si, colocando suas energias a prova, para ganhar o direito de decidir a vida do outro de acordo com a sua. As lutas simbólicas, cujas manifestações são discussões, brigas, debates entre as duas partes, giram em torno do fato das condições práticas de um dos agentes mudarem, abaixando ou aumentando sua nota e provocando o desequilíbrio, ou mesmo porque quando passaram a conviver mais próximos os amantes passaram a ter acesso a informações as quais não podiam ter acesso na fase de conhecimento, e que determinaram uma mudança posterior na relação de poder. Como já dito aqui, o resultado da luta será ou o rompimento do contrato entre eles ou a imposição simbólica de um sobre outro, a transformação do casal em senhor e escravo. Neste momento o agente mais fraco poderá ou não, de acordo com sua tolerância à venda da liberdade, concordar em converter mais força de morte do que vinha convertendo para retornar o velho equilíbrio, mas isso significará na vida dele uma menor liberdade e espaço para a felicidade.

Concluimos então que é preciso converter uma parte da força da vida em força de morte para se adquirir os objetos sociais, ou seja, as pessoas e as coisas. A sociedade exige que um pedaço de você exista em função da sociedade se você quiser usufruir dos prazeres fornecidos pelos objetos da sociedade, e com o amor e a amizade não é diferente. A questão central é até quando cada um aceita se vender para conseguir manter um relacionamento e o quanto você suporta ou valoriza a sua liberdade. Venda caro sua liberdade! Não aceite nenhuma amizade ou amor onde o preço pago para mantê-la seja ofensivo diante da qualidade dos serviços que o amigo ou amante nos oferece.

A definição que o censo comum tem para o amor é doentio: o amor eterno. O triunfo da tese de Aristófanes é a desgraça do século, porque ela coloca sobre os ombros deste vigoroso sentimento muito mais responsabilidade do que ele pode suportar, o imutável. Quando se persegue a eternidade do afeto o homem sempre sairá derrotado, pois não pode contra a instabilidade do mundo. O que poderia ser pior do que acreditar que há alguém no mundo especial, minha metade da laranja, minha segunda parte, sem a qual não vivo e a qual busco desesperadamente? O que seria pior do que colocar-se e à outra pessoa a responsabilidade do “unidos para sempre”? O que é pior do que agregar a um afeto tão passageiro a responsabilidade de não manchar com o tempo, de não desbotar, de não amarelar?

O problema do amor não está em achar a pessoa certa, e sim em carregar esta exigência. O problema do amor é superestimá-lo. Nesta nossa busca selvagem pela própria conservação fabricamos a seguinte idéia, o mito dos andrôgenos: Os Homens dos tempos mitológicos se bastavam, viviam muito bem sozinhos, tinham 4 braços, 4 pernas, duas cabeças e se reproduziam sem a companhia de outros. Curiosos com o céu, queriam saber o que existia depois das nuvens e, para tanto, se reuniram e resolveram subir um em cima do outro, formando uma coluna que fez com que o último deles conseguisse se apoiar na beira do céu e observar os deuses. Estes, furiosos por perceberem a audácia daqueles seres, discutindo uma punição, viram Zeus, seu líder, tomar uma decisão. Ele desembainhou sua espada e com um só corte de cima a baixo separou todos aqueles humanos, que agora, divididos, precisavam achar sua outra metade para sobreviver.

Qual a moral do mito? A sua alma gêmea, aquela metade que se separou nos tempos mitológicos, aquele que te completará existe e está em algum lugar deste mundo, perdida, esperando que você a encontre. Quando você encontrá-la unirá novamente o que antes eram dois e estabelecerá a unidade que estava perdida desde as eras antigas. E assim a moral moderna foi cultivando esta teoria, chegando ao século XXI como algo dificilmente contestado. Seriam seus efeitos bons? Vejamos.

Qual é o problema em acreditar que há alguém no mundo que é meu par perfeito, minha outra metade? É que as pessoas que pensam assim

sempre entrarão em um relacionamento exigindo do parceiro esta responsabilidade. E quando não acontecer você culpará o parceiro que não conseguiu chegar a sua expectativa e se frustrará por não conseguir o que queria. Ironicamente ou não, amar querendo amar sempre é a pior forma de amar, porque o mundo simplesmente não respeita a estabilidade. O mundo tem uma característica: a mudança. Tudo muda sempre. Como exigir então tal nível de durabilidade em uma realidade como esta?

A melhor maneira de viver o amor é enxergá-lo como ele realmente é: um afeto. O amor é um impulso do corpo, que passa. O amor é sempre momentâneo. Ninguém ama 24 horas por dia, amamos instantes. Não somos apaixonados, estamos apaixonados. Não existe amor eterno, porque o amor é sempre uma consequência do mundo e dos corpos que passam pela minha frente. O amor parte sempre do eu. Eu sou sempre o centro deste sentimento. O objeto ou pessoa é sempre um meio para minha satisfação, porque ninguém ama ninguém em si, e sim naquilo que o outro pode nos proporcionar. O amor é uma relação de conveniência que começa em mim e termina em mim. O que torna o amor emocionante é que os outros, tanto quanto eu, mudam o tempo todo, porque a regra do mundo é a sua liquidez, a sua capacidade de ser inédito e se transformar sempre.

Creio que a este ponto isto já tenha ficado muito claro. Se a base do amor é o equilíbrio da energia simbólica, que é um mero resultado da reunião de todo tipo de símbolos em um agente dando uma nota a ele, claro está que há duas possibilidades de mudança da energia simbólica. Ou os agentes trocam de símbolos, por aqueles mais ou menos valiosos, isto é claro, quando eles podem fazê-lo; ou eles contam com uma repentina valorização ou desvalorização dos símbolos que já possuem, porque o valor de cada símbolo também não é fixo. Fato é que sua energia está a mercê de uma flutuação constante, e se você contar também com a flutuação do seu amigo ou amante, a perspectiva de amor eterno é totalmente absurda.

E aí você pergunta: poxa, mas e os casais que ficam 20, 30, 40, 50 anos casados? Ora, de duas uma. Ou eles tiveram muita sorte e suas energias simbólicas acompanharam uma a outra, ou aconteceu o que normalmente acontece e que já explicamos. Quando as energias de um casal de amigos ou amantes se desequilibra, ou seja, quando um deles fica mais poderoso que o outro, acontece, passo a passo, o seguinte processo entre eles, normalmente inconsciente: primeiro, o desequilíbrio provoca na parte mais forte ódio, porque ela sente que com o poder que tem deveria merecer mais benefícios do que atualmente recebe da parte mais fraca, posto que

a relação entre eles ainda é mediada pelo acordo simbólico antigo, quando estavam em equilíbrio; segundo, a parte mais forte tentará impor sua superioridade sobre a parte mais fraca, buscando renegociar os termos do acordo. Para tanto ela terá duas estratégias. Ela poderá boicotar a parte mais fraca, mostrando a ela como é dependente da sua força, ou ela iniciará brigas, discussões, desentendimentos, normalmente usando qualquer motivo fútil como subterfugo para discutir uma nova distribuição do poder entre eles. O motivo fútil é normalmente o bode expiatório das duas partes para debater um novo acordo; Terceiro, as brigas, as discussões, os boicotes, vão levar a duas conseqüências. A parte mais fraca poderá recuar e dar mais terreno a parte mais forte, mantendo a relação, ou poderá romper a relação, quando achar que as exigências da outra parte são demasiadamente exageradas ou não condizem com o poder que ela tem, mesmo sendo mais forte. Se optar por continuar a relação, esta mudará de estatuto: o que antes era uma relação de amor e amizade, porque em equilíbrio, agora é uma relação de senhor e escravo, de patrão e empregado.

Esta é a descrição acontece a todo momento entre duas pessoas. Estamos a todo o instante medindo nossa força com nossos amigos e amantes, esperando uma oportunidade de, diante de uma fraqueza, avançar e dominar. E a todo momento olhamos para o contrato simbólico que estabelecemos com eles e buscamos checar se estamos recebendo o que valemos. Devemos entender isto. O ser humano não tende para o equilíbrio, portanto não tende para a amizade e o amor. A amizade e o amor é um momento de circunstância agradável, onde nos permitimos relacionar-nos e felicitarmo-nos com alguém porque valemos tanto quanto ele. Mas a partir do momento que este equilíbrio se romper, não duvidem e não queiram ser a parte mais fraca, aqueles que dizem te amar vão se sentir-se no direito de prescrever a sua vida, te dominar, te controlar, dizer como você deve viver, etc.

É por isto que eu dar-te-ei uma sabedoria que você nunca deverá esquecer: confie apenas naqueles que tem motivos para te temer. Alguém disse que te ama? Garanta que ele continue tendo fortes motivos para ter medo de você, ou seja, garanta no mínimo que tua energia simbólica permaneça no mesmo nível. Em hipótese nenhuma coloque-se nas mãos de alguém sem ter um plano B, uma saída, uma alternativa: nem o maior amor do mundo é capaz de resistir a vontade de poder. De jeito nenhum desista da sua vida por alguém, ou para alguém. Mantenha seu emprego, mantenha seus outros amigos, mantenha tudo aquilo que puder te dar um grau

de independência daqueles que afirmam te amar. Não coloque, de maneira alguma, sua energia simbólica a mercê de uma pessoa só. Quando as pessoas, mesmo aquelas que dizem que são ou serão as mais leais a ti, mesmo aquelas que prometerem mundos e fundos, perceberem sua fragilidade, elas vão se sentir-se no direito de esmagar-te. Mantenha então os motivos que as impedem de te esmagar, e sua relação com elas será fraterna.

Então perceba. A amizade e o amor dependem de um fino equilíbrio entre os agentes, que é impossível de ser mantido naturalmente. Toda a insatisfação com o amor não tem outro motivo senão a tentativa do homem de transformá-lo numa coisa estável, de engessá-lo, quando na verdade ele não passa de uma sensação momentânea de um corpo que encontra outro que lhe agrada. O maior erro do amante é tentar esticar o amor para além do momento que o encontro alegrador causa. O que é o amor? É uma sensação, um impulso, um momento, tal qual a dor, tal qual quando batemos a canela na beirada da cama ou queimamos a mão. Mas enquanto procuramos abreviar o sofrimento, tentamos prolongar o amor e não conseguimos. Existem dores que tentamos tanto abreviar que o que fazemos é prolongá-la, e existem amores que esticamos tanto que estragamos. O momento do amor e amizade é maravilhoso, enquanto for mantido neste momento. Vamos aprender a respeitar o tempo dos nossos afetos!

Na tentativa de eternizar o amor, como tentamos distorcer algo que não pode ser distorcido, qual a solução que achamos? Já que não conseguimos distorcer o amor, optamos por nos distorcer pelo amor! Este é a regra de ouro daqueles que não sabem quando amar e ficam tentando esticar o que não pode ser esticado: esticam tanto que arreventam-no. Ao contrário, que tal aceitarmos que o amor é passageiro, que as amizades vêm e vão, e aproveitar estes momentos neles, sem este pedantismo de esperar que eles se repitam. Há pessoas que querem tanto que amores e amizades se repitam ao infinito que passam a agir em nome desta repetição futura, abandonando o presente. Passam a pautar os momentos presentes do amor não na felicidade do encontro em si, mas no trabalho para conservá-lo. É como o sujeito que adora sorvete, ganha um baita dum pote de sorvete e o guarda na geladeira, para não estragá-lo. Zela tanto pelo pote de sorvete que nunca o come, com medo de gastá-lo. Até um dia que ele abre a geladeira e o sorvete estragou... com amores e amigo é igual. Não fique pensando se vamos poder reviver estes momentos no futuro: curta o instante e deixem que as coisas sigam seu rumo, porque certamente a realidade é muito mais complexa do que o que você pode controlar.

Viver o amor significa ter a coragem para saber quando não há mais amor. Quando o afeto não afeta mais, quando o equilíbrio não equilibra mais, qualquer insistência causa a infelicidade. O rapaz fala para jovem que a amaré para sempre... pronto! Acabou de assinar sua sentença de morte. Porque agora ou se obrigará a ficar com a garota por pena e será infeliz; ou, quando o sentimento mudar, acabará com a relação e se sentirá culpado por não cumprir sua promessa. E por que não acredito que este sentimento pode ser o mesmo eternamente? Porque os amantes não são eternos, eles mudam conforme vivem, conforme se deparam com mundos diferentes, e assim toda a relação é temperada por este risco de desajuste. O amor não foi feito para durar, porque nós também não fomos. Se nós fossemos entes abstratos, nuvens, deuses, daria certo. Seríamos eternos e imutáveis, e aí quem sabe? Mas não somos. Nossas emoções giram e se transformam a nossa revelia, ao sabor de circunstâncias que não controlamos. É por isto que não posso seriamente prometer a ninguém amor eterno. Seria o mesmo que prometer ser eterno e imutável.

Mas se mesmo assim você insiste em estabelecer relações duradouras, aí vai uma dica: muito mais importante do que saber o que fazer quando se está amando é saber o que fazer quando não se está amando. O que define o sucesso de um relacionamento são as formas pelas quais serão preenchidos os espaços de tempo onde o casal não está se amando. Visto que o amor não é eterno, visto que ele é apenas algo que me atinge em determinados instantes com a pessoa, a pergunta chave é: o que fazer nos momentos de não-amor que terei com meu ou minha companheiro/a? Pois que são nos tempos de escassez que separam-se as relações duráveis das circunstanciais.

Para mim, pelo contrário, muito mais importante do que o tempo do relacionamento sempre foi a intensidade com que vivi o presente. O maior erro de se pensar em amor eterno é a expectativa que se cria. Quando projeto meu namoro para uma vida inteira a chance de me decepcionar é imensa, e com isto, a tristeza. Há pessoas que lamentam ter vivido seis meses de um relacionamento intenso com alguém e não poderem ter continuado. Existe um erro claro nesta forma de ver as coisas. Por que não percebermos que muito mais importante do que lamentar os tempos não vividos é se alegrar com aqueles que experimentamos? Já é chegado o momento de virarmos os olhos de uma maneira mais afirmativa da vida, abraçando-a. Se entrarmos pensando em achar alguém para sempre nos entristeceremos por não termos conseguido. Porém se entendermos como

de fato funciona o amor, como uma simples “dor agradável”, teremos a chance de nos apetercer pelas alegrias já vividas e aproveitar o presente que, afinal de contas, é o único que existe. E se você viveu um mês de um amor intenso que terminou, que bom! Não fique perguntando sobre os dias que você não passou e achava que poderia ter passado com a pessoa que ama. Sorria, sim, diante daquilo que você viveu, e bola pra frente. Não espere viver 100 anos junto com alguém, isto não é realmente importante. Viva um dia de felicidade, que já valerá por tudo. Definitivamente: não conte pelos anos que não aconteceram, conte pelas risadas que existiram! E por favor, não se culpe se as coisas não saíram como você achava que deveriam ter saído. As coisas aconteceram como aconteceram e ninguém pode mudar isto. A pergunta que você deve se fazer é: no tempo em que você estava com aquela ou aquele que amava, você aproveitou? Você curtiu? Você deu tudo de si? Você foi feliz? Se sim, então é um felizardo. Há pessoas que correm uma vida inteira atrás destes momentos e não alcançam. Porque condenamos o amor que acabou ao invés de agradecê-lo por ter existido? Nem que seja por um dia sequer?

A condição fundamental para se amar plenamente é não esperar. Procurar se educar e lutar contra as esperanças que a sociedade moderna insiste em nos ensinar como se fossem o maior antídoto da vida. Não espere amar, ame. E ame sabendo que o natural é que acabe, mas esteja preparado para respeitar, conviver e entender o parceiro em momentos de não-amor. Ou siga em frente, continue vivendo, levante a cabeça, mas nunca se arrependa por ter vivido uma paixão arrebatadora. E não culpe seu parceiro por não ser afetado do jeito que você acha que ele deveria ser afetado, porque quem sente o que ele sente é só ele.

Ninguém é livre para escolher o amor. Ele surge dos encontros no mundo e passa pelas pessoas, tal qual os raios de sol nos atingem inevitavelmente. Há aqueles que preferem se resguardar em lugares cobertos e evitar algumas queimaduras, sobretudo quando foram queimados uma ou outra vez. A outros mesmo que inevitavelmente desenvolvem uma casta protetora... protetora do que? Das frustrações? Como, a partir deste momento, podemos aceitar a frustração quando sabemos que sua origem está no fato de termos sido ensinados que o amor é eterno, e como não encontramos isto no mundo, optamos por nos esconder e fugir da dor, como se ela também não fosse vida. E se fossemos corajoso para respirar por mais uma vez o ar limpo, não haveria sempre a possibilidade de amar sem compromisso, sem formalidades, apenas pelo próprio momento? Este

seria, sem dúvida, a grande vitória do homem: ter a audácia de se expor de peito aberto às sensações que o mundo nos traz. Os raios do sol podem nos queimar novamente? Evidentemente que sim! Mas ora, se existe alguma chance de viver uma paixão de verdade, está só pode estar muito próxima da dor. E se precisamos correr o risco de nos machucar, pelo menos não sofreremos da angústia daqueles que sempre desistiram. Viver é perigoso, e viver com cautela é ainda mais perigoso.

Assim, se o natural do amor é que ele porventura desapareça, se é um erro tentar esticá-lo sob pena de desconfigurá-lo, fica claro a mim que só é possível amar plenamente alguém se antes aprendermos a amar a nos mesmos. Carregar consigo uma paixão pelo mundo e pelo ser humano, uma alegria pelo que somos, um desejo de respeitar a si mesmo e de se manter em harmonia com nossa natureza, sabendo entendê-la. Pois estou convencido que as pessoas procuram um amante de duas maneiras. O primeiro é aquele que olha pra si e tem nojo do que vê, aquele que não se gosta, que só vê em si defeitos, não tem confiança, não sabe se valorizar, se sente insatisfeito com ele próprio. Isto é muito fácil de acontecer porque a sociedade estimula padrões e referência de perfeição que obviamente não atinge a maioria. Depois ela diz a todos os indivíduos para perseguirem estes ídolos sob pena de infelicidade. Como a maioria não alcança os tais padrões ideais – como só poderia ser, porque os padrões existem pela sua própria exclusividade – as pessoas viram-se contra si próprias e passam a odiar seu corpo que não é como crêem que deveria ser. Neste momento elas adquirem o hábito de, se odiando, buscar nos amigos e amantes aquela satisfação que lhes preencha o vazio, fazendo deles uma nova chance, um novo cartucho, uma nova oportunidade para alcançar a perfeição que não alcançaram em si, nas outras pessoas. Quando elas percebem que os outros, tal como elas, não são ideais e perfeitos, elas se viram contra aqueles que não cumpriram suas expectativas e se lhes tornam inimigas, caluniam, prejudicam, gastam sua nobre energia lutando contra os outros. Porque saí da linha de largada esperando ser o primeiro colocado, condeno os outros 9 cavalos e os odeio profundamente porque chegaram na minha frente, como se eu dissesse para a sociedade: “Eu a odeio, porque você é incapaz de se transformar no sonho que eu sempre julguei que fosse verdade!”

O outro jeito de começar é aquele onde amamos o que somos, aceitando nossa imperfeição. Estar satisfeito consigo, ter a capacidade de se alegrar com seus momentos de solidão, é assim que sabemos que nos ama-

mos. Sabemos que nos amamos quando gostamos da nossa própria companhia, quando preferimos ficar só ao invés de mal acompanhados. O amor aqui não é uma tentativa desesperada de preencher garrafas furadas, de cobrir uma lacuna impossível de ser coberta, é um amor por conveniência. “Te amo porque você me alegra, você me traz momentos de felicidade presente, você faz meu dia bom ficar melhor ainda.” Não estou com você por não conseguir suportar minha tristeza interior, mas porque, satisfeito comigo mesmo, consegui encontrar alguém bom o suficiente para compartilhar minha felicidade e fazer aquelas coisas que só podem ser feitas a dois. É porque amo a mim mesmo que sou capaz de aproveitar cada instante da presença do amante sem me preocupar com o amanhã. Para que amanhã? É o amor que se renova a cada dia, que encontra novo impulso e novos objetos, que é feito por satisfeitos e corajosos, que encaram a vida, que vivem o máximo da felicidade, pois se abrem às tristezas e dores. É aquele afirmativo do mundo, que não se detém ante regras morais, que aproveita cada instante do orgasmo, que grita e pula diante da sociedade petrificada que assiste, amor egoísta, egocêntrico, interesseiro, humano. Amor que não se projeta para o futuro e se perde no presente. Amor que se entrega ao ineditismo sem medo de despedidas, porque aceita que ela existirá.

Amar assim não é amar uma imagem, é amar um corpo, com seus defeitos e limitações. Aprender a perceber que o outro do mundo real é imperfeito, tem defeitos, comete erros, vive. Queira amar um homem, e não um Deus. Este é o amor que se alegra com a presença, e não com a distância. Aqueles casais que estão juntos a muito tempo ou são infelizes e vivem vidas dilaceradas pela liquidez do mundo ou são felizes não porque mudam o mundo, mas porque entendem o que ele é, entendem o que são, aprender a amar.

Aprender a amar não é nunca brigar, não é deixar de lado a chance de se entristecer com o amante, não é afastar a decepção ou o ciúmes, não é passar o tempo todo colados e apaixonados, como dois deuses que não tem carne nem osso, nem muito menos deixar de cogitar a separação. Aprender a amar é dizer “sim!” para tudo isso, é entender tudo isto como normal, como humano, é viver apesar disto, é saber que tudo é passageiro e se desmancha no ar, e é sobretudo ter a sabedoria de entender que o amante nada mais é do que mais uma grande oportunidade de buscar instantes alegradores que a vida sempre está disposta a oferecer, desde que você concorde em correr o risco de se entristecer com a dinâmica do mundo.

Moral da história: na vida humana existem três formas gerais das pessoas tratarem umas as outras, sempre tendo como referência seus motivos, suas preocupações egocêntricas, que é tudo o que importa a todos nós, submetidos à mesma regra: Ou nós amamos alguém, ou nós odiamos alguém, ou nós somos indiferentes com alguém. Todas as formas de relação humana se resumem nestes três manifestações finais do corpo, ou das necessidades do corpo. A diferença entre amor e amizade é muito mais alegórica ou semântica do que prática e real, visto que poderíamos tranquilamente substituir as palavras nos contextos da vida sem grande perda de significado. Quando muito a diferença é de intensidade, já que as pessoas quando querem se referir a uma relação mais intensa falam em amor, e mais fria falam em amizade. Substancialmente as duas palavras querem dizer praticamente o mesmo, pois dois grandes amigos nunca hesitarão em dizer que se amam, assim como dois bons amantes podem falar que são, acima de tudo, amigos entre si.



www.ruigracio.com

ISBN 978-989-8377-53-1



9 789898 377531